

FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL E ÉTICA

Quem sabe mais

FAZ A DIFERENÇA!



**Ética, Sociedade e
Observatório Social do Brasil**

1º semestre / 2018

COLETÂNEA

FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL E ÉTICA

Ensino Presencial (1º semestre)

EAD (MÓDULO 51)



Organizadoras

Cristina Herold Constantino

Débora Azevedo Malentachi

Colaboradores

Edson Dias dos Santos

Fabiana Sesmilo de Camargo Caetano

Direção Geral

Pró-Reitor Valdecir Antônio Simão

Sumário

Apresentação.....	04
Considerações Iniciais.....	06
Visão e benefícios da leitura.....	07
Desfazendo crenças limitadoras.....	08
Textos selecionados.....	10
A importância da ética na sociedade.....	10
Direitos da mulher.....	14
Assédio sexual: uma terceira via?.....	16
Cultura e Globalização.....	19
Observatório Social do Brasil.....	20
Saiba mais: OSB.....	22
Entrevista: só pressão internacional impede o fim da FUNAI.....	22
Terceiro setor.....	25
“As redes sociais estão dilacerando a sociedade”.....	26
Uma imagem, várias leituras.....	28
Uma vida mais simples.....	30
Vídeo: Menos coisas, mais felicidade.....	33
Na época do entretenimento.....	34
Adultos convivem com o autismo sem saber.....	36
Saiba mais: sugestões de leitura e filme sobre autismo.....	38
Solidão.....	39
Você sabe o que é identidade de gênero?.....	41
Saiba mais: Livres & Iguais.....	41
Racismo <i>versus</i> Xenofobia.....	42
Referência de ética e honestidade.....	43
Mandamentos paradoxais.....	43
A carta de Gandhi para Hitler.....	44
Músicas.....	46
Diversidade.....	46
Inclassificáveis.....	47
Imagens.....	48
Charges.....	52
Filme: O show de Truman.....	54
Livros para refletir sobre a sociedade atual.....	57
Considerações Finais.....	60

Apresentação

A **Formação Sociocultural e Ética** (FSCE) compõe um dos Projetos de Ação da UniCesumar, cujo principal objetivo é aperfeiçoar habilidades e estratégias de leitura fundamentais para seu desempenho pessoal, acadêmico e profissional. Nesse sentido, esta disciplina corresponde à missão institucional, a qual consiste em “Promover a educação de qualidade nas diferentes áreas do conhecimento, formando profissionais cidadãos que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade justa e solidária”. Conforme *slogan* da FSCE, “Quem sabe mais faz a diferença!”, o conhecimento adquirido por meio da leitura é a mola propulsora capaz de formar e transformar sujeitos passivos em cidadãos ativos, preparados para fazer a diferença na sociedade como um todo.

Na FSCE, você terá contato com vários assuntos e fatos que ocorrem na sociedade atual e que devem fazer parte do repertório de conhecimentos de todos os que buscam compreender criticamente seu entorno social, nacional e internacional. Em síntese, no intuito de atender ao objetivo desta disciplina, a FSCE está dividida em cinco grandes eixos temáticos: Ética e Sociedade, Ética, Política e Economia, Ética, Cultura e Arte – Ética, Ciência e Tecnologia – Ética e Meio Ambiente, sendo que nos dois primeiros eixos estão incluídos temas complementares e pertinentes propostos pelo Observatório Social do Brasil.



Este material, também chamado de Coletânea, é o principal instrumento de estudo da FSCE. Recebe o nome de *Coletânea* porque reúne vários gêneros textuais criteriosamente selecionados para estimular sua reflexão e análise pontuais. Textos retirados de diferentes fontes, com a finalidade de abordar recortes temáticos relacionados aos conteúdos de cada eixo supracitado. Tem como principal objetivo ser um material de apoio à sua formação geral, servindo-lhe de estímulo à leitura, interpretação e produção textual. Uma Coletânea como esta é organizada a cada duas semanas, ou seja, a realização completa desta disciplina ocorre no período de 10 semanas.

Cada Coletânea apresenta-se, inicialmente, com uma introdução, seguida por aspectos relacionados à leitura, interpretação e/ou escrita, os quais antecedem a apresentação dos diversos textos referentes aos respectivos eixos. A sequência de textos normalmente é finalizada com os gêneros: música, poesia ou frases e charges, sendo finalmente concluída com breves considerações finais.

Você tem em suas mãos, portanto, uma compilação por meio da qual terá acesso a um conteúdo seletivo de textos basilares para sua reflexão, aprendizagem e construção de conhecimentos valiosos. Textos compostos por fatos, notícias, ideias, argumentos, aspectos veiculados nos principais meios de comunicação do país, links de acesso a entrevistas, depoimentos, vídeos

relacionados ao eixo temático, além de respaldos teóricos e práticos acerca da linguagem que poderão servir como suporte à sua vida em todas as instâncias.

Também, importa lembrar que a organização deste e demais materiais da FSCE não pressupõe qualquer tendência político-partidária e/ou apologia a qualquer grupo religioso em detrimento de outros, sendo que estamos disponíveis ao recebimento de indicações de textos, sites, tanto quanto às sugestões de conteúdos relacionados aos referidos eixos. Faça, portanto, da FSCE sua porta de entrada para a aquisição de novos conhecimentos.

E lembre-se:

Ler é pensar!

Vista a camisa do conhecimento e seja MAIS!



Considerações Iniciais

S seja muito bem-vindo(a) ao primeiro eixo da disciplina de FSCE do ano de 2018 – Ética e Sociedade. Por que iniciar com “ética e sociedade”? Porque o eixo sociedade nos representa, nos insere e nos traduz. Quais os nossos gostos, alvos, causas? Ou melhor, o que realmente pode traduzir a sociedade do presente século? Como nos comportamos, agimos, reagimos às concepções e práticas que nos assolam?

Dia desses ouvimos um preletor que descrevia a presente sociedade como a sociedade do entretenimento. Observando detidamente o termo em vários aspectos que pudéssemos aludir dele, acreditamos que seria esta uma linha mestra por meio da qual poderíamos pensar criticamente acerca da nossa sociedade – sendo esta coletânea uma das formas. A sociedade que hoje dedica muito do seu tempo ou quase todo dele em trabalho, parece gastar o que ganha e o que não ganha em lazer, em prazer e entretenimento. A busca pelo prazer parece ser proporcional à busca pelo trabalho. Compensação? Talvez!



Essa mesma sociedade do entretenimento parece trazer consigo a necessidade da idealização. O ser não contente consigo e com o que faz corre em busca de outros seres idealizando-os. Artistas, celebridades, jogadores, redes sociais, figuras as mais diversas acabam assumindo a personificação de ídolo. O interessante do ídolo é que ele parece vir como um substituto ou como aquele que vem preencher um certo vazio de uma sociedade igualmente solitária. Por exemplo, historicamente, sabemos que houve um tempo em que causas e ideologias eram razão de muitos entregarem sua liberdade e, por vezes, a própria vida... Num outro momento, à pátria amada – adorada devotava-se esperança de dias melhores e de sonhos realizados. Mas como *os nossos heróis morreram de overdose*, instaurou-se o caos, pois todos eles sucumbiram ao confronto com a realidade. E com a ideologia do entretenimento não tem sido diferente. A busca pelo prazer, também tem seu preço, tem seu ônus, tem sua desesperança. Passadas as horas, dias, ou meses de encantamento o peso da realidade, do salário do mês, da insegurança nas ruas, em casa, na vida, do estresse, da depressão, da falta de sentido, enfim, voltam a assombrar. Sim, esta sociedade na qual vivemos e da qual somos parte é uma sociedade doente de males, talvez, um deles seja justamente do não querer encarar a própria realidade e ter uma ação proativa, reflexiva e transformadora. Neste sentido, esta Coletânea não deixa de ser diagnóstica, no sentido de trazer os principais aspectos que tem traduzido a nossa sociedade. Mas também pretende ser um meio de nos levar a refletir acerca da sociedade que temos e a que queremos.

Como de praxe, iniciamos com indicações sobre leitura as quais poderão ser de grande utilidade para a sua vida acadêmica, seguidas de textos atuais selecionados especialmente para esta Coletânea, dando ênfase à ética, globalização, direitos humanos (mulher, indigenismo, cultura afro, autismo, questões de gênero), terceiro setor, redes sociais, simplicidade de vida, felicidade, honestidade, solidão e entretenimento. Tudo isso, com a expectativa de que este conhecimento seja transformado em reflexão e, quem sabe, até em uma nova visão de mundo!

Tenha uma ótima leitura e um excelente início de ano!

As organizadoras

Visão e benefícios da leitura



Nossa visão acerca das coisas influencia o nosso comportamento e, por extensão, nosso sucesso frente a elas. É a partir do momento que temos consciência acerca dos seus benefícios, maiores as chances de desenvolvermos a visão certa.

Como está a sua visão sobre leitura?

Antes de dar o próximo passo, é preciso que você se autoavalie enquanto leitor e que avalie a sua visão acerca da leitura.

Por que a leitura é importante para você?

Você tem consciência dos benefícios que a leitura pode proporcionar a você?

Queremos ajudá-lo a desenvolver a sua visão acerca da leitura mostrando-lhe apenas três de seus poderosos benefícios:

1. a leitura é a melhor fonte de conteúdo para a escrita: quanto mais leituras realizadas de modo crítico e consciente, mais você terá **O QUE** dizer nos textos que produz. Lembre-se sempre: antes de se tornar um bom produtor de textos, é preciso se tornar um ótimo leitor. E o mais importante não é a quantidade das suas leituras, mas a qualidade! Leituras com qualidade são aquelas nas quais aplicamos técnicas e estratégias adequadas para compreensão e interpretação de textos.

2. a leitura constitui-se como modelo para a produção escrita: além de lhe proporcionar conteúdo (o que dizer) na produção escrita, a leitura lhe possibilita o conhecimento de **COMO** colocar no papel o que você deseja dizer nos textos que produz. A partir da leitura você conhece diferentes autores, com estilos de escrita peculiares, e você pode começar as suas produções imitando os autores de que mais gosta, com os quais mais se identifica. Se queremos nos tornar grandes, imitamos os grandes!

3. a leitura abre as portas da superação pessoal e profissional: quanto mais você lê e atribui qualidade às suas leituras, mais conhecimentos gerais terá e mais preparado estará para alcançar lugar de destaque nos concursos e entrevistas de emprego. A prática da leitura consciente lhe dará capacidade para interpretar qualquer texto, falar e escrever sobre quaisquer assuntos que lhe forem propostos nas provas. Além de tudo isso, a leitura nos proporciona conteúdo para a vida.

Viu como são infinitas as possibilidades de aprendizagem e de transformação de vida a partir das leituras que realizamos?

Consciente dos benefícios da leitura, faz-se necessário, ainda, desfazer algumas das crenças limitadoras que podem podar o nosso crescimento enquanto leitores.

Desfazendo crenças limitadoras

No próximo material da FSCE, trataremos sobre as **estratégias de leitura** fundamentais para a compreensão e interpretação de textos. Entretanto, antes de estudarmos tais estratégias, é preciso desfazer duas crenças que talvez sejam as pedras no meio do seu caminho, os empecilhos que podem travar os seus estudos, o seu desempenho acadêmico e o seu crescimento enquanto leitor, impedindo que você desenvolva as habilidades necessárias para o seu sucesso pessoal e profissional.

Se você tiver em mente alguma destas crenças limitadoras, comece agora mesmo a mudar seus pensamentos para mudar o seu comportamento frente às leituras e experimentar uma transformação digna de alguém disposto a enxergar além das superficialidades...

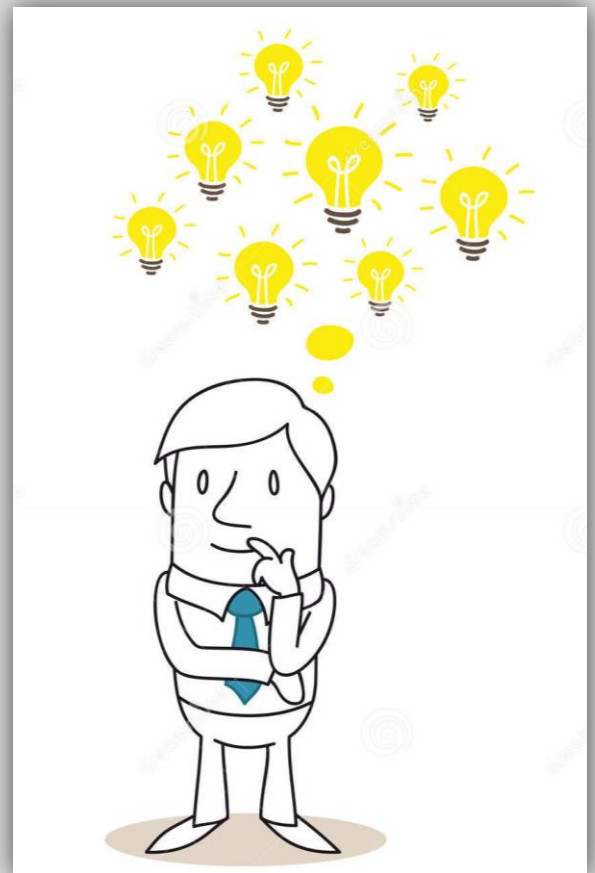
1. Não gosto de ler!

A leitura é um hábito que adquirimos desde a infância. Alguns vivenciam a leitura em casa, outros apenas nas carteiras escolares. Em algum momento na vida, você já gostou de ler, porque não era obrigado a fazer isso. Podia ler o que mais gostava. Ou não podia, porque era proibido. Mas, por ser proibido, você gostava ainda mais. A leitura de gibis, por exemplo, foi proibida nas escolas durante certo período de tempo, décadas atrás.

Se você tem essa crença limitadora, pense da seguinte forma: “Como posso não gostar de algo que simplesmente pode abrir horizontes inimagináveis para mim?” Gostar de ler é um bom hábito. Não gostar é um mau hábito. Decida acabar com o mau hábito e comece a desenvolver o bom. E isto se faz com atitude, prática e persistência.

Decida pelo que fará bem a você!

Comece lendo o que mais gosta, sobre os assuntos que mais chamam a sua atenção. Leia tudo o que pode. Leia com os olhos, com a razão e o coração. E não se preocupe em entender tudo o que



lê. Abaixar a ansiedade para desbloquear seu poder de compreensão. Apenas persista, pois, com a prática, a compreensão virá com mais naturalidade.

2. Não entendo nada do que leio!

Como já declaramos acima, é preciso persistência. Ao aprender determinadas técnicas e estratégias de leitura o texto monstruoso se transformará apenas no que ele é de fato: um texto cujos significados podem ser inteligíveis, compreensíveis, construídos.

Quem nunca terminou de ler um texto e teve que admitir não fazer ideia do que acabou de ler que atire a primeira pedra!

Você é normal! Somos todos leitores em processo!

Cada texto tem suas respectivas características. Alguns são mais complexos que outros e, por isso, exigem mais leituras. Uma leitura nunca será o suficiente para compreendermos e interpretarmos determinados textos, sobretudo, cujos autores gostam de complicar a vida da gente. O estilo do autor também contribui, ou não contribui em nada.

Então, em vez de ficar se vitimando por “achar” que não entende nada do que lê, corrija seu pensamento: “Eu ainda não entendi este texto, porque estou cansado e com dificuldades para me concentrar, mas farei uma leitura mais atenta em outro momento, quando eu estiver mais concentrado e descansado, para entendê-lo!”

Mas, professoras, o que fazer nos contextos de provas acadêmicas, quando não tenho mais que uma hora para ler e responder as questões propostas?

De fato, trata-se de um tipo de leitura a qual você não poderá deixar para depois. Mas é exatamente para essas situações que temos por objetivo prepará-lo com o conhecimento e as ferramentas certas que farão com que você se sinta altamente capacitado para se concentrar melhor nas leituras, facilitando em grande escala a compreensão e interpretação dos textos propostos, sejam quais forem seus níveis de complexidade.



Portanto, se você pensa que não entende nada do que lê é porque não está usando as técnicas e estratégias de leitura fundamentais para derrubar por terra essa crença, que em nada colabora com as suas chances de crescimento na vida e seu desempenho na academia.

Pense nos benefícios da leitura, avalie suas crenças a respeito dela, pratique-a, aplique as estratégias que irá aprender, abrace o conhecimento que ofertamos a você nesta disciplina e prepare-se para o SUCESSO!

Textos Seleccionados

A importância da ética na sociedade

As relações interpessoais cotidianas, devido, em boa parte, às práticas capitalistas que geram individualismo e outros fatores essenciais para a construção – ou não – da ética, permeiam o ambiente a todo o momento. Com que frequência refletimos sobre essas relações, bem como sobre a importância do outro em nossas vidas e a interferência dele em nossa conduta? Seríamos quem somos sem a presença ou interferência do outro? Somos capazes de entender o outro, ou ao menos por um momento tentamos pensar conforme a linha de raciocínio alheio? Permitimo-nos às novas ideias ou, pelo menos, sabemos respeitá-las? Considere esses e formule você mesmo outros possíveis questionamentos na leitura dos dois textos a seguir. Para ler, pensar e tirar suas próprias conclusões.

A ética é construída a partir da moral de cada grupo social inserido em uma sociedade, com o intuito de aprimorar a sobrevivência e a convivência dos que ali se fazem presente. Assim sendo, ambas são fruto do contexto (período histórico) e dos diálogos existentes – ou que deveriam existir – entre os indivíduos, haja vista que todas as pessoas são diferentes, devido a sermos seres históricos.

Um exemplo concreto disso ocorre a partir do período compreendido como Modernidade, período em que ocorrem muitas mudanças sociais e, conseqüentemente, na forma de pensar a sociedade. O homem se afasta da ideia religiosa (teocentrismo) e se coloca como centro da discussão existencial/social (antropocentrismo). Houve inúmeros progressos posteriores a essa época, porém como o homem passou a não ter mais dever de fazer o certo temendo algo divino (sofrimento após a morte), pensou-se por um momento que tudo lhe era possível, não impondo limites em seus experimentos e afins.

Ética, moral e cultura

Apesar de muitas vezes serem confundidas por estarem fortemente interligadas, ética e moral não são a mesma coisa. Ética vem do grego *éthos* (comportamento); Moral vem do latim *mos-mores* (costumes, valores de determinada cultura). Contudo as diferenças não se resumem na etimologia somente. Assim como foi dito anteriormente, a moral é basilar à ética e compreende as normas de conduta, costumes, valores correspondentes aos grupos sociais em particular, sendo assim, fundamenta-se em preceitos culturais, históricos, discernimento de bom e mau, certo e errado.

A ética é construída, portanto, através do diálogo entre os indivíduos, sendo considerada um conjunto de regras, não necessariamente escritas, que visam o bem viver geral e a harmonia da sociedade, definindo a boa ou má conduta dos indivíduos.

Através da tomada de consciência individual, por meio desses conceitos é possível garantir a cidadania, que compreende a capacidade política da pessoa frente à cidade. No entanto,

obviamente, isso só é alcançado quando se permite que o cidadão tenha clareza e liberdade para fazê-lo, o qual em uma ditadura se torna inviável.

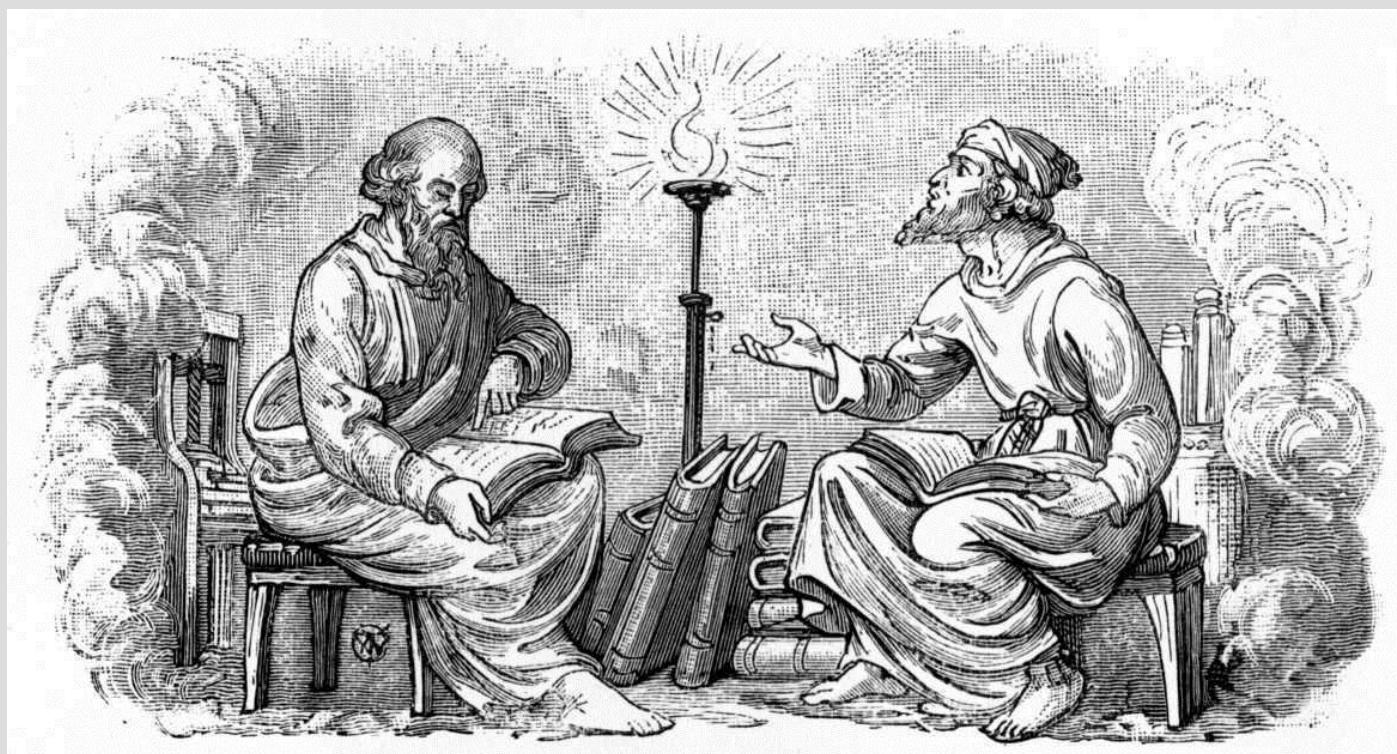
Fala-se do indivíduo perante a sociedade, dando-se a entender que a prática ética inicia-se já com o indivíduo em fase quase adulta, mas a ética deve estar presente desde a primeira infância, ou melhor, ela deve fazer parte indiscutível da educação que, por sua vez, começa na família, a qual tem grande e indispensável parcela de responsabilidade.

Tudo isso faz parte da cultura de uma população humana. Em se tratando do Brasil, essa cultura toma outros caminhos, como, por exemplo, situações onde a família inexiste. Fator presente e explícito em nossa sociedade nacional é a violência, que parece estar arraigada, presente em todas as etapas da vida do indivíduo, como na família, na escola, no trabalho. Tal provém do preconceito e discriminação contra grupos sociais que possuem uma cultura minoritária ou não, sendo em todos os casos marginalizada e colocada como inferior à outra, de fato, vigente.

Por isso pode-se concluir que a moral de determinado grupo, às vezes, não condiz com uma postura ética, pois dogmatiza seus valores e ideais, ou seja, se torna um fundamentalismo e/ou fanatismo, pré-conceituando os demais indivíduos de outras culturas através de estereótipos. Isso acontece nos casos de racismo, onde há uma atitude etnocêntrica. Somente por meio da autocritica é possível reverter esse quadro.

O pensamento filosófico e a ética

A ética e a moral fizeram parte dos estudos filosóficos desde os primórdios pré-socráticos (Grécia antiga). A filosofia, por ser etimologicamente conceituada de “Amor ao Saber” (*Philo*=Amor; *Sophia*=Sabedoria), interessa-se, de forma óbvia, pela reflexão existencial, social, fenomenológica, conceitual, linguística; logo instiga o indivíduo a pensar sobre o cotidiano e como tais ações corriqueiras, até então, refletem no organismo social.



Muitos acreditam que a filosofia se faz distante, por eruditos e indivíduos rebuscados, contudo o que ocorre é mais simples do que se imagina. Basta, primeiramente, colocar um ponto de

interrogação em grande parte dos nossos pensamentos e conduta. Simplificando, o primeiro passo é interrogar-se “Por quê?” da vida ser de tal forma, principalmente nos aspectos éticos e morais. Sendo assim, “não é possível ser ético sem, antes de tudo, ser reflexivo e crítico”. Tratando disso, vários filósofos ao longo da história se interessaram em conceituar e/ou definir o que é ética e moral e, por conseguinte, como alcançá-las. Como Sócrates, que afirma não ser possível alcançar a ética como algo a ser repassado, mas sim somente pela virtude da procura interior. Já Immanuel Kant trata de moralidade e afirma que existem dois tipos, denominando-as de imperativo categórico, que seria um pressuposto de ética universal; e imperativo hipotético, ou seja, em determinada situação tem-se certa atitude justificável a um fim, esse modo de pensar o próprio autor condena, pois seria uma atitude a qual não se pode tomar como exemplo aos demais. Sartre, no entanto, irá dizer que o homem é responsável por si e por tudo que pratica, em suas palavras “o homem está condenado a ser livre.” Assim, é relevante que o indivíduo reflita por que há pessoas morrendo de fome; outras que trabalham doze horas por dia; outras ainda que lucram sob o trabalho dos outros e vivem no luxo sem, ao menos, precisar assinar algum papel, ao invés de tomarem toda essa realidade por ‘normal’, justificando que em boa parte da história foi assim e irá continuar de tal forma.

A globalização e a ética

Uma questão preocupante na atualidade para o estudo da ética são as práticas capitalistas. Em outras palavras, o consumismo exacerbado, a detenção dos meios de produção e do lucro gerado pelo processo capitalista e, principalmente, o individualismo, culminam no pensamento de “querer é poder”, que por vezes é refletido por aqueles que deveriam se indignar com a sua situação, mas que não o fazem por falta de conhecimento.

O homem se apossa, primeiramente, da natureza, já que dela provém a matéria-prima para os produtos industrializados e, posteriormente, do ser humano que se encontra em situações de extrema necessidade, tomando dessa sua força de trabalho. Ao longo da história o ideal ganancioso dominou aqueles que detêm a maior parte da riqueza da Terra, fazendo com que a desigualdade política-econômica-social ganhasse maiores proporções. Com o avanço das novas tecnologias e, subsequentemente, da globalização, o progresso econômico (capitalista) passou por cima, literalmente, das diferenças culturais, homogeneizando o pensamento, os valores e os costumes dos povos, aproximando o mundo ao indivíduo e distanciando o mesmo do ambiente real em que vive.

Por meio das relações de privatização, o cidadão comum é levado a pensar, através da manipulação de massas, que consumir – objetos que, por vezes, ele nem sequer sabe para que serve realmente e/ou que não tem utilidade nenhuma, de fato, para a sua vida – e acumular bens é a resposta para a autorrealização, acarretando ainda mais o afastamento do pensamento de convívio social ideal, ou seja, pensar no próximo. Isso tudo faz com que a vida do ser humano, em sua quase totalidade, seja líquida (BAUMAN, Modernidade Líquida), em outras palavras, tudo se torna transitório, descartável, descompromissado. O ideal de crescimento econômico se sobrepõe ao desenvolvimento humano e os fins, de fato, justificam os meios sem maior remorso da destruição que essa situação causa não só ao ser humano, mas ao planeta.

Os conflitos éticos da sociedade atual

Apesar de todos os avanços na esfera do direito, conquistados ao longo da história por meio da reflexão de certo e errado, de próprio ou impróprio, onde o ser humano evolui sua consciência e se permite ao pensar social, muitas questões ainda são consideradas pertinentes por possuírem uma ideia retrógrada, embasada em pressupostos escritos e/ou mitos de milhares de anos atrás.

Por outro lado o pensamento utilitarista e a falta de perspectiva também contribuem para a continuidade no impedimento da evolução consciente e coletiva.

O olhar construído a partir da realidade individual fortalece o pensamento de “querer é poder” e produz a intolerância, que, por sua vez, acaba acarretando um efeito de violência sobre as minorias e/ou aqueles que não se enquadram ao padrão imposto pela sociedade. Questões como casamento entre pessoas do mesmo sexo, a eutanásia e a morte assistida, a pena de morte e, até mesmo, a relação do ser humano para com o meio ambiente são temas, de fato, relevantes na atualidade e que geram grande polêmica por haver perspectivas e interesses divergentes, de modo que muitas dessas acabam desconsiderando a liberdade, o respeito e a responsabilidade que todos têm frente à construção da harmonia social.

Para isso, há tempo vem sendo construída e, de certa forma, afixada a ideia de Direitos Humanos, para que haja um entendimento consensual e a garantia de direitos a todos, o que, muitas vezes, fica apenas na teoria, visto que o cumprimento desses direitos torna-se distante da realidade daqueles que sobrevivem em condições quase desumanas, à margem da sociedade.

A Declaração Mundial dos Direitos Humanos (1948) teve três grandes fases, as quais podemos denominá-las de Primeira geração, correspondente aos direitos naturais e/ou inalienáveis, como a liberdade e a igualdade; de Segunda geração, que se configuram por direitos políticos e conceituam o indivíduo como cidadão; e os de Terceira geração que dizem respeito aos direitos sociais, os quais, pode-se dizer, estão em desenvolvimento, visto que essa ideia inicia-se a partir do século XX. A união desses três conceitos, a serem efetivados, garante a vida digna e plena, logo, a cidadania. Mas antes de pensarmos em Direitos Humanos, os quais são, sem dúvida, de indiscutível importância, precisamos combater a cultura da corrupção, ou, em uma linguagem mais corriqueira, o famoso “jeitinho”. Devido a esse, o indivíduo naturaliza práticas que prejudicam e atrasam a construção da ética em uma sociedade, o que muitas vezes pode passar despercebido, visto que “todos fazem, por que eu não posso fazer?” ou “se eu não faço, o outro faz”. Procurar resolver de forma fácil e prática os problemas, em sua grande maioria, não se configura em uma atitude ética. Dado o exposto, através da reflexão crítica e do diálogo continuado, visando à harmonia e o bem-estar social (integral), que se dá a partir do sentimento de empatia, pode-se concluir, mesmo com todas as dificuldades existentes, que é possível se construir uma sociedade igualitária e, conseqüentemente, justa, considerando o ponto inicial dessa caminhada a atitude ética que cada um é responsável de exercê-la.



Texto de [Renan Peruzzolo](https://renanperuzzolo.jusbrasil.com.br/artigos/321425944/vamos-falar-de-etica). Disponível em: <<https://renanperuzzolo.jusbrasil.com.br/artigos/321425944/vamos-falar-de-etica>> Acesso em: 31 jan. 2018. Adaptado.

Direitos da Mulher

Temas como violência doméstica, saúde, trabalho e participação da mulher na política são abordados em projetos de lei que tramitam no Senado em 2018. As propostas apresentadas buscam garantir, ampliar e fortalecer direitos que vão desde o atendimento prioritário das vítimas de agressão até a igualdade de valores nas premiações concedidas aos atletas homens e mulheres. O texto abaixo traz algumas informações a esse respeito. Na sequência, apresentamos mais um artigo que também trata da mulher sob um enfoque temático igualmente relevante. Vale a pena conferir.

A violência contra a mulher segue como uma das principais preocupações dos parlamentares. Projeto da senadora Rose de Freitas (PMDB-ES) prevê demissão por justa causa para o agressor que reincidir no crime ([PLS 96/2017](#)). "Para que o agressor sinta no seu bolso o peso da prática de violência doméstica e familiar, uma vez que a penalidade prevista na forma da lei não é suficiente para levar a um reordenamento de postura", justifica a senadora, para quem a "perda do emprego, do cargo ou da função pública levará a refletir mais antes de praticar qualquer ato de violência".



Já o Projeto de Lei da Câmara (PLC) [16/2011](#) explicita que a Lei Maria da Penha vale também para namoros, atuais ou já terminados. A matéria está pronta para a pauta na Comissão de Constituição, Justiça (CCJ) e Cidadania.

Magno Malta (PR-ES), relator do projeto na CCJ, apresentou voto pela sua aprovação. A seu ver, por uma tradição machista, muitas autoridades policiais subestimam as denúncias recebidas. Já no Judiciário, enquanto alguns juízes entendem que a lei se aplica a todos os casos de violência contra a mulher, outros avaliam que ela só vale para relacionamentos estáveis.

Para minimizar o sofrimento da mulher vítima de violência, o [PLC 26/2017](#) determina prioridade para a vítima na realização de exames periciais. O objetivo é evitar que a demora na realização da perícia prejudique ou inviabilize a condenação do agressor.

E ainda como ajuda na reinserção das vítimas de violência, outro projeto importante da senadora Rose de Freitas obriga a empresa prestadora de serviços terceirizados com 100 ou mais empregados a preencher no mínimo 5% das vagas com mulheres em situação de violência doméstica e familiar ou em situação de vulnerabilidade social ([PLS 244/2017](#)).

A ideia é que, com a oportunidade de emprego, a mulher alcance certo nível de autonomia financeira para romper a dependência em relação ao parceiro agressor.

Prótese mamária

A criação do Banco de Prótese Mamária é prevista no [PLC 131/2017](#) com recursos para aquisição das próteses e para cirurgias de reconstrução da mama em mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) que fizerem mastectomia.

De acordo com o projeto, o Banco de Prótese Mamária será vinculado ao Núcleo de Atenção à Saúde da Mama e coordenado pelo Ministério da Saúde. As próteses serão adquiridas por meio de doações em dinheiro de empresas, entidades e pessoas físicas, e também com recursos do Orçamento Geral da União.

A senadora Ana Amélia (PP-RS) é a relatora da matéria na Comissão de Assuntos Sociais (CAS). Ela também é autora de projeto que deu origem à [Lei 12.802/2013](#) para obrigar o SUS a realizar cirurgia plástica reparadora em mulheres que retiraram a mama para combater o câncer.

Licença compartilhada

A proposta de Emenda à Constituição ([PEC 16/2017](#)), apresentada pela senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), permite o compartilhamento da licença-maternidade pelo pai e pela mãe do bebê. O texto estabelece que haja um acordo do casal para dividir o período de cuidado do filho recém-nascido ou adotado recentemente. "A tarefa de cuidar do filho não é exclusiva da mãe, é do pai também. Porque a única tarefa que a mulher tem que fazer sozinha, que não pode compartilhar com o homem, é a amamentação", argumenta Vanessa. Pela legislação atual, a mãe tem direito a usufruir de uma licença de 120 dias e o pai de apenas cinco dias. Esses prazos são maiores em alguns casos, graças às recentes alterações legislativas que possibilitaram a extensão da licença-maternidade por mais 60 dias, e a licença-paternidade por mais 15 dias. No entanto, para ter esse benefício, a pessoa tem que trabalhar em empresa que aderiu ao Programa Empresa Cidadã.

Igualdade para atletas

No esporte, a luta pelos direitos femininos é defendida no [PLS 397/2016](#) da senadora Rose de Freitas. O projeto proíbe distinção de valores entre atletas homens e mulheres nas premiações concedidas em competições com recursos públicos. A autora usou como exemplo a conquista do 11º título do Brasil no Grand Prix de vôlei em 2016. A equipe feminina brasileira recebeu como prêmio pelo primeiro lugar nos jogos a importância de US\$ 200 mil. Já a competição da Liga Mundial, disputada pelas equipes masculinas, ofereceu um prêmio de US\$ 1 milhão. "Não há justificativa razoável para que se dê tratamento diferenciado a homens e mulheres nas arenas esportivas", observa a senadora.

Participação política

No cenário político, projeto da senadora Vanessa Grazziotin para promover a participação das mulheres determina que os recursos oriundos do Fundo Partidário, observado o percentual mínimo de 30%, sejam aplicados na campanha eleitoral de candidatas ([PLS 112/2015](#)). Vanessa observa que o financiamento representa parte do "bloqueio" enfrentado pelas mulheres por espaços na política. De acordo com a senadora, as postulantes femininas recebem menos recursos em todas as modalidades de financiamento de candidaturas. "Verificamos que as cotas nas candidaturas não obtiveram a necessária correspondência do apoio partidário tanto no que se refere a recursos financeiros quanto no suporte na divulgação das postulantes", aponta.

Assédio sexual: uma terceira via?

Maria Clara Bingemer*

O discurso de Oprah Winfrey na festa do Globo de Ouro foi o clímax de uma caminhada legítima e positiva da mulher. Em busca do seu espaço e a paridade de direitos com o homem há várias décadas, a mulher hoje se nega a ser assediada e oprimida em um mundo ainda marcado pela supremacia masculina.

Como mulher e negra – portanto duplamente vulnerável – Oprah deu voz a muitas de suas colegas do meio cinematográfico e artístico que trabalharam para construir uma carreira e no caminho foram submetidas a chantagens, assédios, passando até mesmo pelo “teste do sofá”. O discurso incluiu igualmente todas as vítimas de abusos e violências sexuais de qualquer espécie. A apresentadora comoveu e convocou com seu inflamado e emocionado discurso.



Pouco depois, outras mulheres tomaram a palavra. Cem francesas publicaram uma carta com outra visão sobre a questão. Entre elas, ninguém menos que a grande e belíssima atriz Catherine Deneuve e também a pensadora e escritora Catherine Millet. Com a visão do feminismo francês – bem diferente do estadunidense – criticaram o tom com que as denúncias de assédio vêm sendo feitas do outro lado do Atlântico. E apontaram para o que poderia ser um “machismo às avessas”, sendo os homens vítimas de denúncias irresponsáveis e extremistas.

Catherine Deneuve pediu desculpas às vítimas pelo mal-estar que sua carta causou. Mas deixou bem claro que o fazia “a elas e só a elas”. Ou seja, não pretendia incluir em seu pedido de desculpas as feministas de além-mar. As reações foram fortes e muitas, na França mesmo e nos Estados Unidos mais ainda. As coassinatárias francesas foram acusadas de serem inimigas da liberdade e coniventes com os abusos sexuais cometidos pelos homens contra as mulheres.

Com temor e tremor, registro meu sentir. Impossível não compreender e sentir-se solidária com as norte americanas, a luta delas e o luto pela pisoteada dignidade da mulher. É fato que não apenas ao norte do Equador, e mais ainda ao sul, mulheres são usadas, abusadas, chantageadas e agredidas. O assédio pode começar na família, protagonizado pelo pai, o tio, um amigo, o irmão, o primo. As histórias são muitas e dolorosas, compostas de silêncios, pânicos, lágrimas e o pavor de que a noite viesse, a casa dormisse e as visitas indesejáveis se aproximassem.

A idade adulta e a entrada no mercado de trabalho não melhoram o panorama. Na vida profissional, até mesmo nos mais inimagináveis e improváveis setores, o assédio se faz presente. E a sombra do abuso cerca, roça, toca, encosta, força e se tem algo de poder, chantageia. O comportamento sinistro é encoberto pela mentalidade que não escuta, não observa, não acredita. E reforçada pelos que acham que a culpa é da vítima, que saiu de short ou decotada, provocando indevidamente a libido masculina.

Por outro lado, a convivência entre homens e mulheres supõe uma diferença que quase nunca repele e quase sempre atrai. E esta pode se expressar em galanteios, admiração, olhares, que não podem ser apressadamente classificados de assédio ou abuso. Este intercâmbio é necessariamente sexuado (não sexual) e pode ser vivido no respeito e dentro de limites éticos. E quando assim sucede, dignifica tanto o homem como a mulher.

Não necessariamente a admiração de um homem por uma mulher deve derivar para assédio, abuso ou violência. Portanto, não há que anatematizar qualquer iniciativa dos homens nesse sentido como digna de ser repelida, denunciada e execrada. O manifesto das francesas não deixa de acertar neste ponto. Só não me agrada a palavra “importunar”. A associação imediata se faz com “molestar”, que leva ao assédio e à repulsa ao mesmo. Ninguém gosta de ser importunada, mas de ser admirada com respeito e delicadeza, sim. Duvido que haja alguma mulher que não goste.

Gosto que me ajudem a carregar a mala pesada, que abram a porta da sala ou do carro para que eu possa entrar, que puxem a cadeira para que eu me sente. Tantos amigos tive e tenho na vida que já fizeram isso, na frente de meu marido ou na sua ausência. E jamais me senti assediada. E se o admirador se tornar insistente e inconveniente, a mulher é livre e adulta para fazê-lo sentir que o limite chegou e é melhor parar por ali.

Entre o feminismo militante das estadunidenses e de muitos outros coletivos na Europa, no Brasil e em toda parte e a visão mais flexível das francesas, haverá uma terceira via? Quero crer que sim. E ela reside na tolerância zero com a violência sexual de qualquer tipo: física, emocional, profissional etc. Porém não ao se criar uma atitude tão antitética em relação aos homens que transforme todos e cada um em potencial agressor e/ou inimigo.

Nada se constrói de positivo se a proposta é lutar apenas “contra” algo. Lutar apenas “contra” o machismo não nos levará muito longe, parece-me. Melhor é lutar a favor. A favor de mais educação e formação para as mulheres, mais reconhecimento de sua competência, mais respeito à sua diferença, mais equidade e justiça para avaliar seu desempenho junto aos colegas homens, mais esforços para que a equiparação salarial para iguais competências seja uma realidade.

Senão, como ficariam as obras literárias, musicais e artísticas em que a beleza da mulher é cantada e louvada? A canção de Vinicius de Moraes e Tom Jobim sobre uma garota que passava em Ipanema rumo à praia celebra a beleza e o encanto daquela mocinha sem deslizar nem um milímetro para a grosseria ou a falta de respeito. Por outro lado, há canções, textos pretensamente literários e manifestações supostamente artísticas que, na verdade, são de extremo mau gosto e desrespeito e não ajudam em nada o processo de emancipação da mulher.

Um mundo onde não se possa mais cantar “Garota de Ipanema”, onde os poemas de Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda e outros sejam banidos como misóginos e machistas, onde as pinturas e esculturas que retratam o corpo feminino com suas curvas e relevos sejam postos sob suspeita será um mundo enfadonho, opaco e desagradável. Não humanizará ninguém e muito menos as mulheres.

** professora da PUC-Rio, teóloga e autora de “Simone Weil – Testemunha da paixão e da compaixão” (Edusc)*

Disponível em: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2018/01/18/assedio-sexual-uma-terceira-via/>> Acesso em: 19 fev 2018.

Quadros Informativos



VIOLÊNCIAS CONTRA MULHER

FÍSICA

- te empurra
- te chuta
- te amarra
- te bate
- te violenta

PSICOLÓGICA

- te humilha
- te insulta
- te isola
- te persegue
- te ameaça

MORAL

- calúnia
- injúria
- difamação

SEXUAL

- te pressiona
- te exige práticas que você não gosta
- se nega a usar preservativo
- te nega o direito a métodos contraceptivos

PATRIMONIAL E ECONÔMICA

- controla seu dinheiro
- não te dá permissão para certas compras
- destrói seus objetos
- não te deixa trabalhar
- oculta bens e propriedades



MPRJ | MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

facebook.com/MPRJ.Oficial

Disponível em: <<http://razoesparaacreditar.com/educacao/escolas-rio-violencia-contras-as-mulheres/>> Acesso em: 19 fev 2018.

Cultura e Globalização

As relações entre cultura e globalização perpassam pela compreensão dos meios de comunicação e pela democratização em seus usos e acesso. Nesse sentido, como as pessoas e suas práticas culturais comportam-se na Globalização? Como podemos compreender o comportamento e as transformações da cultura na era da globalização? Como elas se expressam em um espaço social cada vez mais interligado com o global? É possível dizer que estamos passando por uma padronização cultural? Para ler, pensar e tirar suas próprias conclusões...

O espaço geográfico encontra-se repleto de elementos próprios do processo de globalização, como as antenas de TV e celular, os meios de transporte cada vez mais modernizados, os cabos de fibra óptica, as redes (que nem sempre são visíveis, mas se fazem presentes no espaço), entre outros elementos.

Isso também acontece com a cultura. O espaço geográfico constrói suas bases em inúmeros campos e configurações (economia, política, sociedade, educação), de modo que a cultura encontra-se plenamente inserida nesse contexto. Assim, observam-se as transformações das paisagens que variam do natural ao cultural, carregando ambientes constitutivos de todas as sociedades capitalistas, mas com elementos culturais locais ou regionais, que denotam a singularidade dos lugares.

Com a Globalização, ampliaram-se as facilidades de comunicação e, conseqüentemente, a transmissão dos valores culturais. Assim, observa-se que as diferentes culturas e os diferentes costumes podem se interagir sem a necessidade de uma integração territorial. Entretanto, observa-se também que esse processo não se dissemina de forma igualitária, de modo que alguns centros economicamente dominantes transmitem em maior número os seus elementos culturais.

Um exemplo disso é a chamada *Indústria cultural*, termo criado por sociólogos no início do século XX, mas que se mantém atual. Essa indústria é capaz de gerar e controlar os padrões de comportamento e os costumes das pessoas, como as roupas, os padrões de etiqueta e comportamento, as atividades de lazer que exercem etc.

Por esse motivo, muito se fala em uma *homogeneização* das culturas, isto é, a padronização dos modos de ser e agir dos indivíduos com base em uma referência dominante, fazendo sucumbir os valores locais e tradicionais. Nesse sentido, muitos acusam o processo de globalização de ser um sistema perverso, uma vez que ele não se democratiza inteiramente e só atinge os setores economicamente dominantes do mundo e das sociedades.

Por outro lado, à medida que os sistemas de comunicação, informação e transporte vão elevando a sua capacidade de disseminação, observamos também a possibilidade dos costumes e valores



locais se interpoem aos elementos globais. Isso ocorre a partir do momento em que comunidades tradicionais ou culturas regionais conseguem disseminar e divulgar para além de suas fronteiras as suas características. Com base nessas concepções, há quem diga que a Globalização, na verdade, promove uma *heterogeneização* cultural.

Por fim, é necessário observar que há uma hierarquia nos sistemas de comunicação. Apesar do advento da internet e da possibilidade de expressão por parte de inúmeras pessoas, ainda algumas formas de pensamento e ideias socialmente dominantes sobrepõem-se às demais, através do uso preferencial sobre os elementos midiáticos, a exemplo do que ocorre com filmes e seriados, geralmente mantidos sob um padrão e influenciando os estereótipos comportamentais. Nesse sentido, muitos são os que afirmam que, na verdade, o que ocorre é uma *hegemonização* cultural na globalização.

Mas antes de tirarmos uma conclusão definitiva sobre os elementos culturais e suas transformações na mundialização das sociedades, é necessário estarmos sempre atentos aos eventos e informações, sempre com a preocupação de compreender e assimilar os fatores modernos da sociedade, sem negar ou sobrepor os valores tradicionais dela constitutivos.

Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/cultura-globalizacao.htm>> Acesso em: 15 fev. 2018. Adaptado.

Observatório Social do Brasil

Quando se fala em ética e sociedade, atualmente, no Brasil, felizmente, temos um nome de referência positiva, isto é, um projeto que muito tem contribuído para que a sociedade brasileira reflita e tenha ações éticas efetivas. É acerca deste projeto que nos propomos a apresentar informações no próximo texto. Saiba o que é o Observatório Social do Brasil (OSB), como funciona, sua missão, visão, princípios e objetivos.

O que é um Observatório Social (OS)?

É um espaço para o exercício da cidadania, que deve ser democrático e apartidário e reunir o maior número possível de entidades representativas da sociedade civil com o objetivo de contribuir para a melhoria da gestão pública. Cada Observatório Social é integrado por cidadãos brasileiros que transformaram o seu direito de indignar-se em atitude: em favor da transparência e da qualidade na aplicação dos recursos públicos. São empresários, profissionais, professores, estudantes, funcionários públicos e outros cidadãos que, voluntariamente, entregam-se à causa da justiça social.

Os Observatórios Sociais (OS) são organizados em rede, coordenada pelo Observatório Social do Brasil (OSB), que assegura a disseminação da metodologia padronizada para atuação dos observadores, promovendo a capacitação e oferecendo o suporte técnico aos OS, além de estabelecer as parcerias estaduais e nacionais para o melhor desempenho das ações locais. A Rede OSB está presente em mais de 100 cidades, em 19 Estados brasileiros.

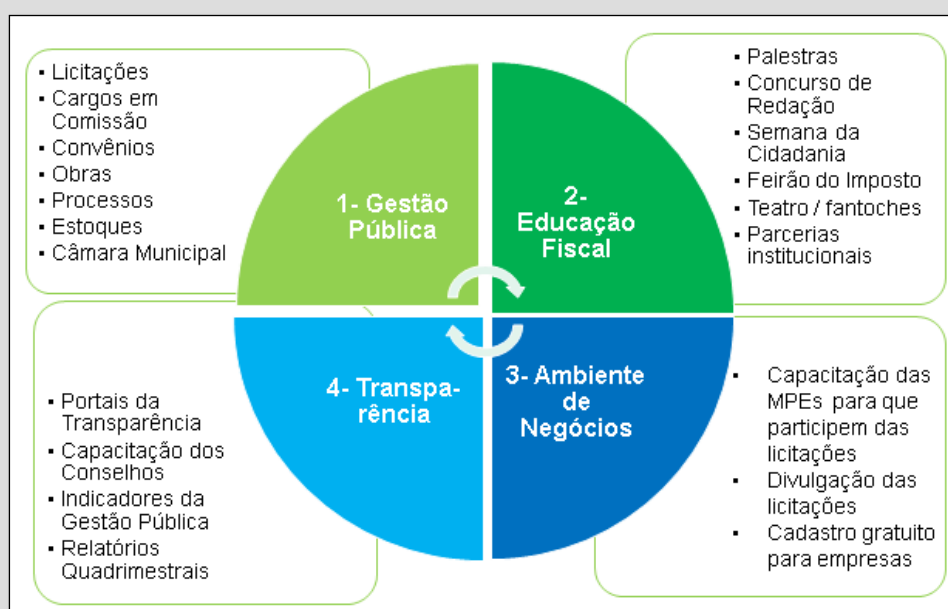
Atuando como pessoa jurídica, em forma de associação, o Observatório Social prima pelo trabalho técnico, fazendo uso de uma metodologia de monitoramento das compras públicas em nível municipal, desde a publicação do edital de licitação até o acompanhamento da entrega do produto

ou serviço, de modo a agir preventivamente no controle social dos gastos públicos. Além disso, o Observatório Social atua em outras frentes, como:

- a educação fiscal, demonstrando a importância social e econômica dos tributos e a necessidade do cidadão acompanhar a aplicação dos recursos públicos gerados pelos impostos.
- a inserção da micro e pequena empresa nos processos licitatórios, contribuindo para geração de emprego e redução da informalidade, bem como aumentando a concorrência e melhorando a qualidade e preço nas compras públicas.
- a construção de Indicadores da Gestão Pública, com base na execução orçamentária e nos indicadores sociais do município, fazendo o comparativo com outras cidades de mesmo porte. E a cada 4 meses realiza a prestação de contas do seu trabalho à sociedade.

Como Funciona?

A rede OSB – Observatório Social do Brasil possui quatro eixos de atuação, conforme abaixo:



Resultados da atuação dos OS

São cerca de 3 mil voluntários trabalhando pela causa da justiça social nos Observatórios Sociais pelo Brasil afora. Estima-se que nos últimos quatro anos (2013 – 2016), com a contribuição desses voluntários, houve uma economia de mais de R\$ 1,5 bilhão para os cofres municipais. E a cada ano mais de R\$ 300 milhões do dinheiro público deixam de ser gastos desnecessariamente. O mais importante não são os números! É a nova cultura que está se formando: da participação do cidadão de olho no dinheiro público. *(Dados de janeiro de 2017)*

Princípio geral: A justiça social será alcançada quando todos os agentes econômicos recolherem seus tributos corretamente, e os agentes públicos os aplicarem com ética e eficácia.

Missão: Despertar o espírito de Cidadania Fiscal na sociedade organizada, tornando-a proativa, através do seu próprio Observatório Social, exercendo a vigilância social na sua comunidade, integrando a Rede de Observatório Social do Brasil.

Visão: Ser uma rede nacional propulsora do controle social para o aprimoramento da gestão pública e integridade empresarial.

Valores: Apartidarismo; cidadania; comprometimento com a justiça social; atitude ética, técnica e proativa; ação preventiva e visão de longo prazo.

Objetivo: Fomentar e apoiar a consolidação da Rede OSB de Controle Social, a partir da padronização dos procedimentos de monitoramento e controle da gestão pública, além da disseminação de ferramentas de educação fiscal e de inserção das micro e pequenas empresas no rol de fornecedores das prefeituras municipais.

Objeto de atuação: As ações de educação para a cidadania fiscal e controle social focadas no presente serão objeto de atuação do OS, atuando preventivamente, em tempo real, contribuindo para a eficiência da gestão pública, por meio da vigilância social da execução orçamentária, em sinergia com os órgãos oficiais controladores.

Disponível em: < www.cge.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Ney-Ribas-Rede-OSB_abr.16.ppt > Acesso em: 8 fev. 2017. Grifos das organizadoras.

Saiba mais



Acesse:

<http://osbrasil.org.br/>

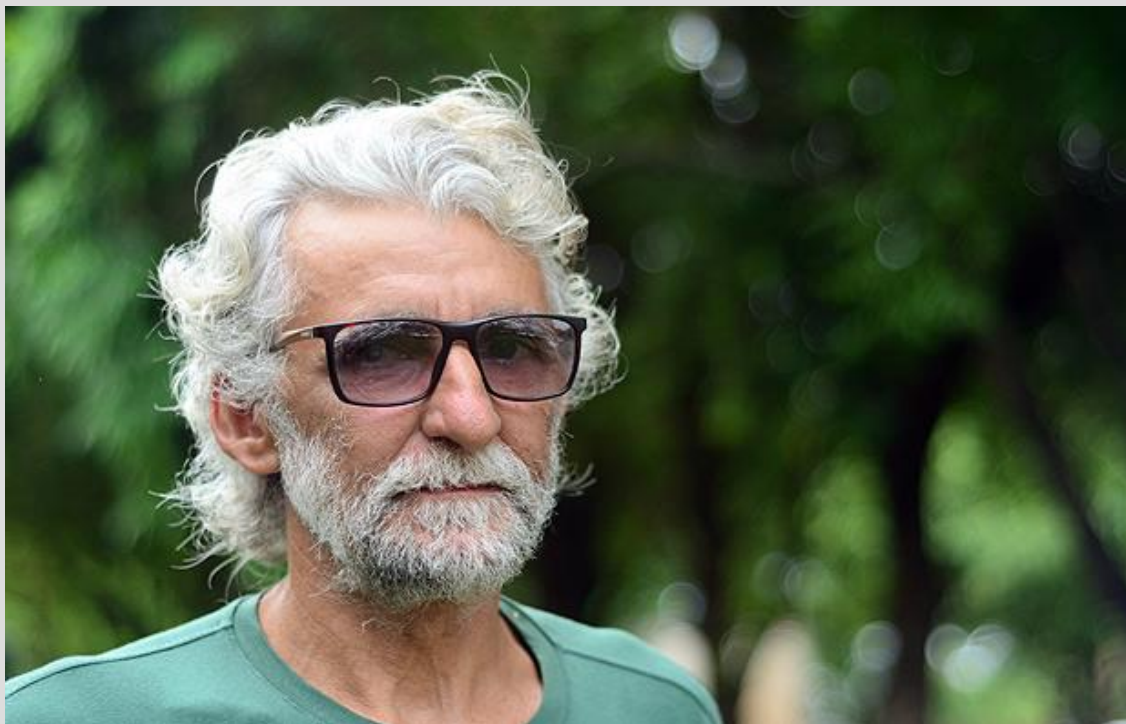
Entrevista

Só pressão internacional impede o fim da FUNAI

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro, responsável por promover os direitos dos povos indígenas no território nacional, garantidos pela Constituição de 1988. A instituição foi criada no ano de 1967, em substituição ao antigo órgão indigenista, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Na entrevista a seguir, confira evidências que demonstram a situação crítica em que se encontra esse importante órgão representativo, sob o ponto de vista do indigenista Jair Candor.

Casado e pai de dois filhos, o indigenista Jair Candor, 57, está prestes a completar 30 anos de atuação com grupos indígenas isolados do Brasil. Sua estreia no ofício se deu na expedição que, no final da década de 1980, fez o primeiro contato com dois dos três últimos remanescentes dos Piripkura – um subgrupo dos Tupi-Kawahíva, que ocupavam a região entre os rios Madeira e Tapajós. Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Madeirinha – Juruena, que atua em duas áreas na conflituosa região noroeste de Mato Grosso, ele se diz pessimista com o futuro da

política indigenista brasileira. "Vai de mal a pior", afirma. Quando recebeu a reportagem em Cuiabá, havia acabado de retornar de uma operação conjunta entre a FUNAI e o Exército para combater garimpos na Terra Indígena Vale do Javari, no Amazonas – há suspeita de que possa ter havido um [massacre de índios](#) isolados no local em setembro passado.



Indigenista Jair Candor, 57, uma das referências no estudo de indígenas isolados do Brasil

Folha – Há relatos de índios isolados mortos por garimpeiros no Amazonas e de áreas invadidas por madeireiros. Como avalia esse cenário?

Jair Candor – Eu não vejo perspectiva de melhora nenhuma, não. Para mim, vai de mal a pior. O poder político influente nessas áreas é grande, a gente sabe disso, são pessoas fortes e com muita grana. E os caras conseguem, porque o que o governo quer hoje é acabar com a FUNAI. Eu digo para os colegas que ela ainda está de pé por conta dos isolados, pois a repercussão internacional é muito forte. É o que ainda segura um pouco, porque o pessoal de fora bate doído e parece que se preocupa mais com os isolados daqui do que o governo brasileiro. Se não tivesse isolados, a FUNAI teria já virado qualquer outra coisa. A gente sabe que esse povo da soja e do gado está tomando conta.

As áreas que abrigam isolados em Mato Grosso, Piripkura e Kawahiva do rio Pardo, somam mais de 600 mil hectares. Há estrutura para protegê-las?

A equipe é muito pequena para dar conta daquela situação e, principalmente de dois anos para cá, não está dando conta, não. Ainda bem que o IBAMA [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente] tem dado um apoio, porque senão a situação estava muito pior.

Qual o objetivo dos invasores?

Madeira. Para você ter uma ideia, o centímetro do ipê está valendo R\$ 12. Já estão vendendo o ipê por centímetro. Aí o cara acha lá na área indígena 50 a 60 árvores de ipê e já era. O entorno já não tem mais, então está todo mundo de olho em cima das terras indígenas. Os caras têm tanto maquinário que em dois ou três dias fazem uma desgraceira na mata. Não precisam de tempo.

Piripkuras têm apenas três remanescentes conhecidos, sendo que um deles, Rita, não vive mais como isolada. Qual a situação dos outros dois?

Pakyî é o tio e tem por volta de 52 anos. Tamanduá, o sobrinho, está com seus 40. A gente faz três ou quatro expedições por ano para encontrar com eles e ver como estão de saúde e perguntar como estão. É tranquilo. A gente se aproxima, eles nos recebem e a gente conversa. Vamos embora e continuam lá. A última vez foi em janeiro [de 2017] e foram eles que nos encontraram, porque o fogo deles havia se apagado.



Fotógrafo faz registro de tribo isolada em floresta no Acre.

Com uma população tão diminuta, como vê o futuro daquela terra indígena?

Essa pergunta eu sempre faço quando vou a alguma reunião da FUNAI em Brasília e ninguém até hoje me respondeu. Porque a verdade é que Piripkura está no fim. Não tem mais saída. São dois homens. A outra índia que sobrou já não pode mais engravidar. Eu acredito que, quando esses caras morrerem, e isso vai acontecer um dia, essa terra tende a voltar para a mão de fazendeiros.

Essa possibilidade o angustia?

Isso me deixa preocupado porque é um território que, querendo ou não, guarda a história dos caras. Eu acho que deviam preservar, criar uma unidade de conservação, repassar ao IBAMA ou ao ICMBio. Mas, pra isso acontecer, o governo tem de querer.

Você está prestes a completar 30 anos de serviço. Pensa em aposentadoria?

Uma hora também vou ter de parar. Não sou mais o cara de 20 e poucos anos. Tenho meus limites. Para fazer uma expedição tem que ser mais programada, articulada, não dá mais para sair por aí com mochila nas costas. Mas pretendo continuar mais uns quatro a cinco anos, talvez. É um trabalho que deu certo para mim. Faço o que gosto.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1948528-so-pressao-internacional-impede-o-fim-da-funai.shtml>>

Acesso em: 15 fev. 2018.

Terceiro setor

Terceiro Setor é um termo sociológico utilizado para definir organizações de iniciativa privada, sem fins lucrativos e que prestam serviços de caráter público. Qual o seu lugar e suas contribuições para a sociedade? Saiba um pouco mais a respeito...

No Brasil, assim como no restante do mundo, a sociedade é dividida em três setores: o primeiro consiste nas instituições estatais comandadas pelo **governo** municipal, estadual e federal, que administram os bens e serviços públicos e representam, portanto as ações do Estado. O Segundo Setor, por sua vez, corresponde às **empresas** e ao capital privado, cujos recursos são empregados em benefício próprio, visando alcançar fins lucrativos.



Então afinal, qual é o Terceiro Setor? Quanto ao Terceiro Setor, este consiste em um amplo e diversificado conjunto de instituições como fundações, associações comunitárias, organizações não governamentais, entidades filantrópicas e outras, que são iniciativas privadas, porém sem fins lucrativos, que atuam em prol do bem comum e da cidadania.

Atualmente, o cenário político, econômico e social do Brasil enfrenta os efeitos da crise econômica de 2008, que tem causado uma contínua desaceleração na economia, desemprego e outros problemas sociais, não só em nosso país, mas em vários lugares do mundo. Outra questão importante é a que se refere à globalização, movimento que tem superado as fronteiras econômicas dos Estados e contribuído para o crescimento do setor privado, porém, tudo isso à custa do aumento do desemprego e da diminuição de medidas intervencionistas pelo Estado. Esse conjunto de fatores evidencia a falta de capacidade do Primeiro e do Segundo Setor em suprirem as demandas sociais da atualidade. Dando ainda mais sentido ao que significa o terceiro setor no Brasil.

Pois é nesse contexto que o 3º Setor se destaca como um ator essencial para conseguir superar a crise e continuar mantendo a evolução social dos últimos anos. Porém, para que isso aconteça, é importante que o Terceiro Setor alcance um novo patamar de atuação, no qual a sociedade civil como um todo também precisará trabalhar em conjunto com as entidades e organizações sem fins lucrativos para que objetivos como a redução da desigualdade social sejam finalmente alcançados.

Disponível em: <<https://www.bhbit.com.br/terceiro-setor/o-que-e-terceiro-setor-significado/>> Acesso em: 15 fev. 2018.

“As redes sociais estão dilacerando a sociedade”

Fundado em 2004 em Menlo Park, nos Estados Unidos, o Facebook rapidamente se tornou a maior rede social do mundo. Oficialmente, o Facebook afirma que seu objetivo é “dar às pessoas o poder de constituir comunidades e tornar o mundo mais unido”, e que o público o usa para “descobrir o que está acontecendo no mundo e compartilhar e expressar o que é importante” para ele. Mas a concentração de poder nas mãos da gigante mídia e a forma como esse poder é gerido são alvos de críticos — entre eles, alguns dos que atuaram para transformar a empresa no que ela é, conforme você poderá conferir no artigo abaixo. Uma das questões que fica é esta: até que ponto a vulnerabilidade da psicologia humana é explorada pelo Facebook e, com relação a esse aspecto invasivo, de que modo podemos nos proteger?



Chamath Palihapitiya durante o fórum da Escola de Negócios de Stanford em 10 de novembro.

Um ex-alto executivo do [Facebook](#) fez um *mea culpa* por sua contribuição para o desenvolvimento de ferramentas que, em sua opinião, “estão dilacerando o tecido social”. Chamath Palihapitiya, que trabalhou na empresa de [Mark Zuckerberg](#) de 2007 a 2011, da qual chegou a ser vice-presidente de crescimento de usuários, acredita que “os ciclos de retroalimentação de curto prazo impulsionados pela dopamina que criamos estão destruindo o funcionamento da sociedade. Sem discursos civis, sem cooperação, com desinformação, com falsidade”.

Palihapitiya fez essas declarações sobre o vício em [redes sociais](#) e seus efeitos em um fórum da Escola de Negócios de Stanford no dia 10 de novembro, mas o site de tecnologia *The Verge* as publicou e, através dele, jornais como o *The Guardian*. Palihapitiya — que trabalhou para aumentar

o número de pessoas que usam as redes sociais — recomendou ao público presente no fórum que tomasse um “descanso” no uso delas.

Esclareceu que não falava apenas dos [Estados Unidos](#) e das campanhas de intoxicação russas no Facebook. “É um problema global, está corroendo as bases fundamentais de como as pessoas se comportam consigo mesmas e com as outras”, enfatizou, acrescentando que sente “uma grande culpa” por ter trabalhado no Facebook. Falou sobre como as interações humanas estão sendo limitadas a corações e polegares para cima e como as redes sociais levaram a uma grave falta de “discurso civil”, à desinformação e à falsidade.

Na palestra, Palihapitiya — agora fundador e CEO da Social Capital, com a qual financia empresas de setores como saúde e educação — declarou ser uma espécie de objetor de consciência do uso de redes sociais e anunciou que quer usar o dinheiro que ganhou no Facebook para fazer o bem no mundo. “Não posso controlar [o Facebook], mas posso controlar minha decisão, que é não usá-lo. Também posso controlar as decisões dos meus filhos, para que não façam uso disso”, disse, esclarecendo que não saiu completamente das redes sociais, mas que tenta usá-las o mínimo possível.

O ex-vice-presidente do Facebook alertou que os comportamentos das pessoas estão sendo programados sem que elas percebam. “Agora você tem que decidir o quanto vai renunciar”, acrescentou. Palihapitiya fez referência ao que aconteceu no estado indiano de Jharkhand em maio, quando mensagens falsas de [WhatsApp](#) sobre a presença de supostos sequestradores de crianças acabaram com o linchamento de sete pessoas inocentes. “Estamos enfrentando isso”, criticou Palihapitiya, acrescentando que esse caso “levado ao extremo” implica que criminosos “podem manipular grandes grupos de pessoas para que façam o que eles querem”. Mas Palihapitiya não criticou apenas os efeitos das redes na maneira pela qual a sociedade funciona, mas todo o sistema de funcionamento de [Silicon Valley](#). Segundo ele, os investidores injetam dinheiro em “empresas estúpidas, inúteis e idiotas”, em vez de abordar problemas reais como [mudança climática](#) e doenças curáveis.

As críticas de Palihapitiya às redes se juntam às do primeiro presidente do Facebook, Sean Parker, que criticou a forma como a empresa “explora uma vulnerabilidade da psicologia humana” criando um “ciclo de retroalimentação de validação social”. Além disso, um ex-gerente de produto da empresa, Antonio García-Martínez, acusou o Facebook de mentir sobre sua capacidade de influenciar as pessoas em função dos dados que coleta sobre elas e escreveu um livro, *Chaos Monkeys*, sobre seu trabalho na empresa. No último ano vem crescendo a preocupação com o poder do Facebook, seu papel nas eleições norte-americanas e sua capacidade de amplificar notícias falsas.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/tecnologia/1513075489_563661.html?id_externo_rsoc=FB_CC> Acesso em: 02 fev. 2018.

Uma imagem, várias leituras...

Foto de menino durante o réveillon de Copacabana causa polêmica nas redes sociais em virtude das várias interpretações que ela sugere. Apresentamos esta imagem aqui, juntamente com as informações que a acompanham, porque consideramos oportuno provocar o seu olhar para o que acontece muito próximo de seu entorno social, ou até mesmo distante geograficamente, mas ainda, de alguma forma, possível de ser alcançado com os olhos. Porém, nem sempre enxergamos de fato o que é visível aos olhos... Na insensibilidade ou na pressa de cuidar daquilo que mais nos interessa, não fazemos a leitura do que está por trás das linhas, ou seja, corremos o risco de jogar precipitadamente com nossas leituras ingênuas... Eis, portanto, uma oportunidade a mais para treinar nosso olhar no intuito de captar, talvez, sentidos mais profundos, demonstrando uma leitura de mundo mais complexa, madura e crítica. Analise a imagem, treine o seu olhar, aperfeiçoe suas habilidades de leitura.



A foto de um menino sem camisa, no mar, durante a queima de fogos do réveillon da Praia de Copacabana, está sendo tema de discussões nas redes sociais. A imagem, postada pelo fotógrafo Lucas Landau, que cobriu o Ano Novo pela agência Reuters, já teve 20 mil reações e mais de cinco mil compartilhamentos. Na legenda, Lucas conta que estava trabalhando, fazendo fotos do público que assistia ao espetáculo pirotécnico em Copacabana. "Ele estava lá, como outras pessoas, encantado. Perguntei a idade (9) e o nome, mas não ouvi por causa do barulho. Como ele estava dentro do mar (que estava gelado), acabou ficando distante das pessoas. Não sei se estava sozinho

ou com família." Para Lucas, "a fotografia abre margem para várias interpretações; todas legítimas, ao meu ver. Existe uma verdade, mas nem eu sei qual é. Me avisem se descobrirem quem é o menino, por favor".

Menino encantado

Muitos internautas elogiaram a sensibilidade do fotógrafo e a beleza da imagem. Um deles diz que a foto é "maravilhosa, triste, intrigante, reveladora e extremamente real". Outra diz esperar que o menino "encantado" da foto esteja fazendo um pedido que um dia se cumprirá. "São sempre muitas histórias dentro de uma história, não é mesmo? Os meus filmes preferidos são assim: folheiam camadas. Sua foto fala do menino, encantado, com frio, talvez (espero que sim) fazendo um pedido que um dia se cumprirá. Sua foto fala de você, do seu encantamento diante do encantado. Sua foto está falando com milhares de corações hoje, está preenchendo nosso dia primeiro com beleza e esperança. Belíssimo trabalho! Bravo!"

Em outro comentário, um homem diz que a imagem retrata perfeitamente o samba-enredo deste ano da escola de samba Beija-Flor: "Vem ver brilhar mais um menino que você abandonou. Oh pátria amada / Por onde andarás??? / Seus filhos já não aguentam mais / Você que não soube cuidar / Você que negou o amor / Vem aprender na Beija-Flor." Já uma internauta faz um apelo para que parem os estereótipos com as crianças negras. "Sobre essa fotografia do menino na praia, durante o réveillon de Copacabana: - Não vejo nada demais (e particularmente não achei nem bonita). Eu vejo uma criança que parou para olhar a queima de fogos no meio de uma festa. Sinceramente, nós temos que parar de achar que todo menino negro e sem camisa está abandonado, triste, sozinho, infeliz e contrastando com a felicidade dos outros. Temos que parar de achar que todo menino sozinho é criança que vive em situação de rua. Temos que parar de achar um monte de coisas. Inclusive, que é legal expor nossas crianças para a branquitude começar o ano com pena e compaixão de nós. Ah, por favor né, a gente tem essa mania horrível de reforçar os estereótipos de nossas crianças: - Que pena! - É o retrato do Brasil! - Imagem muito impactante, reforça as desigualdades do país. Parem! Vocês nem sabem quem é aquele menino. E vocês não querem saber também. Para 2018, menos estereótipos para crianças negras por favor." Um homem diz que o menino "pode não ser uma criança abandonada. Mas nesta foto representa muito bem os milhões de brasileiros que são. É triste, mas não adianta tentarmos tapar o sol com a peneira. Não mudamos a história ignorando certos fatos".

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/foto-de-menino-durante-reveillon-de-copacabana-causa-polemica-nas-redes-sociais-22246229#ixzz57AkoiQOP>> Acesso em: 15 fev. 2018.

Uma vida mais simples...

Você já deve ter ouvido a expressão “tempo é dinheiro”... Talvez tenha conhecido de perto um universo em que ter do “bom e do melhor” é sinônimo de uma vida sossegada... Também deve ter escutado, e acreditado, que comprar roupas, sapatos e supérfluos alivia o estresse, principalmente, das mulheres... E que shopping é e será um dos melhores lazeres desta vida moderna... Agora, suponha que tudo isso virasse de cabeça para baixo. Em nome da simplicidade do ser, homens e mulheres, de idades diferentes, chacoalharam esses velhos conceitos cada vez mais impostos à sociedade e optaram, sem culpa e com leveza, por uma vida simples. Acreditam que precisam de pouco para se satisfazer e asseguram que o lucro com tudo isso não se vende nem se troca, e tem nome: felicidade. E você, no que acredita? Quais seus valores com relação ao que chamamos de felicidade? Qual o seu estilo de vida?

Não se trata de um movimento, mas um fenômeno sem causa única e nenhuma regra. Essas pessoas estão, aos poucos, caminhando por conta própria em busca da simplicidade, sem fazer publicidade disso. Alguns mudaram de cidade, outros conseguiram isso morando em uma capital como Belo Horizonte. E não estão sós. A tal simplicidade já chama a atenção do mundo, já que grandes homens, que poderiam esbanjar mordomias, disseram “não” a elas e a tudo que elas remetem. O ex-guerrilheiro **José Mujica**, ex-presidente do Uruguai, (2010–2015) por exemplo, mora em uma casa deteriorada na periferia de Montevidéu, sem empregado nenhum. Seu aparato de segurança: dois policiais à paisana estacionados em uma rua de terra.

Outro que recebeu os olhares do planeta é o papa argentino Francisco, que despertou a simpatia dos católicos e até mesmo de quem não segue a religião, por quebrar protocolos da Igreja. Sabe-se que antes de chegar ao cargo mais alto da instituição, no dia 13, quando foi escolhido como papa, ele andava de metrô e ônibus por Buenos Aires e cozinhava a própria comida. Já como líder do catolicismo, ele dispensou o carro oficial ao celebrar uma missa e caminhou pelas ruas, aproximando-se mais do povo.

Bons exemplos

Mas não é preciso ir a Roma ou ao Uruguai para conhecer pessoas que apostam nesse modo de vida. O Bem Viver conheceu bons exemplos dessa vida simples. São guerreiros que nadam contra a maré em uma sociedade que, cada vez mais, valoriza o supérfluo como a garantia para ser feliz.

“Hoje, o que predomina é o consumismo mais exacerbado, mas se há grupos buscando essa simplicidade é um sintoma de que essa exaustão das buscas frenéticas acaba não levando a lugar nenhum”, comenta o psicólogo, psicanalista e doutor em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Carlos Roberto Drawin.



Advogada Débora Paglioni, de 23 anos, acredita que ser simples é uma postura que tem a ver com bem-estar e consciência (Foto: Estado de Minas)

Certos de que há muito mais quando se tem menos, os entrevistados para esta reportagem servem como verdadeiras lições de vida. Maria Madalena Aguiar, de 66 anos, diz ser “feliz demais” em levar uma vida baseada na simplicidade e acredita, por exemplo, que está mais perto de Deus. Já Guilherme Moreira da Silva, de 56, mora em um sítio em Macacos, na Grande BH, e garante que “ser simples” traz a ele conforto, alegria, prazer e felicidade. A mesma sensação tem Priscila Maria Caliziorne Cruz, de 23, que ao optar por esse estilo de vida diz ter ampliado sua consciência, ficando mais inteira e presente na vida. “A simplicidade nos obriga a olhar para nós mesmos”, comenta o frei Jonas Nogueira da Costa, que desde menino se encantou pela vida de São Francisco de Assis e adotou a espiritualidade franciscana. Para a advogada Débora Paglioni, de 23 anos, ser simples vai muito além de ter dinheiro. “Tem a ver com bem-estar e consciência”, afirma.

Somente o necessário

Carro, só ser for para locomoção. Telefone é para se comunicar, não precisa de *touch screen*, nem aplicativos mirabolantes. Roupas ou sapatos novos somente quando forem de extrema necessidade, afinal, para quê mais? Comer bem não é ir a restaurante refinado, mas aquilo que é feito em casa. Ter uma vida simples passa por muitas dessas posturas, que não são regras.

Mas quem decide viver com o que é necessário nega o que hoje é tão valorizado, como a corrida disparada pelos melhores celulares, casa, carros e as mais belas joias. E acaba consciente de que o tempo e a energia investidos para a aquisição de coisas podem minguar as oportunidades de conviver com o outro, de buscar a espiritualidade, autoconhecimento e senso de comunidade. É como se essas pessoas se abrissem mais para o mundo ao seu redor e dissessem: “Desapeguei”. Talvez por isso, elas são serenas, sorridentes e leves, vivendo somente com o necessário, aquilo que para elas é essencial.

Esse desapego e vontade de viver somente com o que precisa não é algo que a humanidade conheceu hoje. O psicólogo, psicanalista e doutor em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Carlos Roberto Drawin destaca que esse comportamento é antigo e vem desde antes do cristianismo. “Vem de uma sabedoria grega. Não é só no sentido de não ter bens materiais, mas não transformá-los em uma tirania.” Ele conta que existia uma corrente da filosofia grega, o chamado estoicismo, que mostrava que o homem só atinge a felicidade se ele for livre, ao se livrar das dependências dos bens materiais. “Isso foi seguido tanto por um escravo quanto pelo imperador.”

De tanto desapegar desses bens, Guilherme Moreira da Silva, de 56 anos, é chamado de Mazzaropi pelos amigos, em alusão ao cineasta, ator de rádio, TV, de circo, cantor e diretor Amácio Mazzaropi, que, mesmo rico, foi conhecido como o gênio da simplicidade. Ele marcou a história do cinema nacional ao mostrar personagens simples e uma linguagem bem próxima do povo. Guilherme não optou pela arte. Desde menino, sofria de bronquite e a medicina não lhe dava esperança de cura. Por meio de uma vida que ele mesmo chama de alternativa, conseguiu se livrar da doença, desafiando até o diagnóstico médico.

Nascido e criado em Belo Horizonte, há 30 anos Guilherme se mudou para São Sebastião das Águas Claras, mais conhecido como Macacos, na Grande BH. Formado em arquitetura e especializado em paisagismo, ele morou na Espanha por um ano. Mas foi em Macacos, em um sítio em meio à natureza, que se encontrou. Por 15 anos, morou ali sem energia elétrica. Ele diz até

hoje não comprar roupas e só usar aquelas que seus irmãos lhe dão. “Não atribuo grandes valores ao materialismo. Tenho uma caminhonete porque preciso dela para trabalhar.”

Guilherme hoje mexe com produtos naturais, vende pães integrais e come tudo o que planta. Onde mora não há internet. “A minha bronquite que me incomodava muito. Queria uma vida saudável. Esse modelo que adotei tem raízes profundas em querer sobreviver e gostar da vida. Chegou o momento em que o mais importante era a qualidade do ar que respirava, o contato com a terra e a comida que comia.”

Em uma casa de alvenaria sem luxos nem precariedade, Guilherme tem uma televisão, que de vez em quando é ligada. “A vida pode ser muito mais simples. A busca por ter tudo, trocar o velho pelo novo, traz desconforto. A sociedade nunca está satisfeita.” Para ele, a vida no campo traz essa simplicidade, alegria, conforto e prazer.

Estilo de vida

Professor do curso de ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas), Ricardo Ferreira Ribeiro diz que hoje as pessoas **fazem um esforço danado para ter renda e, por outro lado, essa situação gera um estresse, acúmulo de trabalho e problemas de saúde**. “A opção pela vida simples tem sido mais singela, há menos requinte, mas exige menos esforços.” Ele lembra que os hippies chegaram a optar por esse modo de vida, como crítica ao consumismo. “Esse modo de viver aproxima mais as pessoas, cria-se uma empatia.”

Existe um movimento chamado simplicidade voluntária, que é um estilo de vida no qual os indivíduos conscientemente escolhem minimizar a preocupação com o “quanto mais melhor”, em termos de riqueza e consumo. Seus adeptos escolhem uma vida simples por diferentes razões, que podem estar ligadas a espiritualidade, saúde, qualidade de vida e do tempo passado com família e amigos, redução do estresse, preservação do meio ambiente, justiça social ou anticonsumismo. Algumas pessoas agem conscientemente para reduzir as suas necessidades de comprar serviços e bens, e, por extensão, reduzir também a necessidade de vender o seu tempo. Alguns usarão as horas a mais para ajudar os seus familiares ou a sociedade, ou sendo voluntário em alguma atividade.

Compra consciente

Mudar os hábitos de consumo e só adquirir produtos de que realmente precisa é uma opção de vida de quem busca ser mais saudável

Não é preciso sair da capital ou se dedicar integralmente ao sacerdócio para ter uma vida simples. Essa opção de vida, apesar de a luta ser ainda maior, é bem possível na cidade grande, mesmo com as tentações do consumo e seus exageros bem próximos. A simplicidade, muitas vezes, está na essência da alma e em atitudes conscientes, e não é preciso radicalismo para chegar até ela. O professor do curso de ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas) Ricardo Ferreira Ribeiro diz que essa opção de vida pode ser uma certa crítica aos valores ligados à ostentação e ao padrão de vida de pessoas que não conseguem abrir mão dos bens materiais. “A gente acaba consumindo muitas coisas, para quê? Qual a finalidade desse bem que se adquire?”, provoca.

Foram essas as perguntas que motivaram a psicóloga Marina Paula Silva Viana, de 28 anos, a enfrentar um desafio: um ano sem compras. De junho de 2011 até junho de 2012, ela não comprou nada de supérfluo e criou um blog na internet relatando sua experiência durante esse período. A página levou o nome do desafio, Um Ano sem Compras. Mineira de Belo Horizonte, a jovem mora

desde 2008 em Curitiba e achava que a proposta seria difícil. “O mais complicado é conter o primeiro impulso. Mas vi que isso é bem possível.” O dinheiro que usava para comprar roupas, bolsas, calçados e cosméticos foi gasto em lazer. “Sempre gostei dessa opção de vida, e queria fazer essa experiência. Você percebe que tem outras prioridades na vida. Passei a fazer mais programas ao ar livre, a aproveitar atividades intelectualizadas. Quando estamos imersos no consumo, deixamos o que nos dá prazer em segundo plano. Passada essa experiência, hoje compro bem menos e me foquei no que é essencial para mim.”

Como psicóloga, Marina conta que muitos pacientes trazem para o consultório frustrações vindas do consumo. “As pessoas estão consumindo mais. E isso acaba tendo uma função psicológica. Elas acabam acreditando que a personalidade está ligada ao que consomem.” Formada em teatro, produtora do curso de educação gaia em BH e estudante de letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Priscila Maria Caliziorne Cruz, de 23, diz que a vida simples vem dos pilares que recebeu em casa e das suas buscas e anseios. “São escolhas diárias. Encontrei em BH, no meio urbano, uma alternativa mais simples para viver.”

Ela conta que o segredo dessa opção está na consciência do que se busca. “Sabemos que ter um telefone é importante para atender a necessidade. Mas nem sempre essa necessidade por um produto acompanha moda e o que está no mercado.” Há 10 anos, a jovem não entra em shopping, pois, segundo ela, é um ambiente que a incomoda, principalmente pelo objetivo daqueles que estão ali e os tipos de relações estabelecidas. “Participo de um encontro anual de trocas de roupas. Para a minha alimentação, participo de redes de agricultura urbana, que são alimentos produzidos na cidade. Compramos diretamente dos produtores, sai mais barato e não acumula tanto valores.”

A maior preocupação de Priscila é com o meio ambiente. Ela procura ter atitudes sustentáveis, como reciclagem de lixo, usar carona ou transporte público. “Essa opção de vida me faz sentir em harmonia comigo mesma. Quando fiz essa escolha, é como se tivesse responsabilidade com as pessoas ao meu redor.” Ela diz que o encontro com esse modo de vida foi motivado por uma busca de vida saudável, da saúde do corpo e da mente. “Nunca fiz escolhas motivada pelo financeiro.”

Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/homens-e-mulheres-que-optaram-por-uma-vida-simples.html>>

Acesso em: 01 ago. 2017. Adaptado.



Menos coisas, mais felicidade

Escritor e designer Graham Hill pergunta: "Ter menos coisas, em menos espaço, pode levar a mais felicidade?" Ele fala sobre ocupar menos espaço, e estabelece três regras para a edição de sua vida.

Confira:

https://www.ted.com/talks/graham_hill_less_stuff_more_happiness?language=pt-br#t-170712



Na época do entretenimento

Certamente você se identificará com o texto a seguir, pois ele retrata muito de perto a realidade na qual estamos inseridos: a sociedade do entretenimento no auge da modernidade e da tecnologia cada vez mais sedutora. Entretanto, diante dos fatos o autor evita emitir juízos de valor. O objetivo dele é chamar o(a) leitor(a) à reflexão... Nosso objetivo aqui não é diferente... Esperamos que, de alguma forma, as palavras dele façam sentido para você... Acreditamos que mudanças significativas podem acontecer depois de boas doses de reflexões pontuais...

Vivemos no presente, uma época marcada por aceleradas transformações do nosso modo de vida: a tecnologia que invade todas as áreas; a desvalorização do fator trabalho e a ameaça da robotização das atividades produtivas; o predomínio das atividades financeiras; o crescimento dos serviços em desfavor da indústria e da agricultura; o incremento do comércio online; a reestruturação do conceito de família; o esvaziamento do conceito clássico de organização política entre esquerda e direita; a confusão entre virtual e real, etc.

Porém, o que motiva a partilha desta reflexão com os eventuais leitores é um fenômeno que vem crescendo: o entretenimento. Sempre houve entretenimento. A música, os filmes, o futebol, as novelas ou os meios de difusão, como a rádio ou televisão, eram exemplos comuns. Na vida há um tempo para trabalhar e deve haver um tempo para o lazer, para o convívio, para a distração. Todavia, nestes primeiros anos do século XXI muita coisa mudou, com o entretenimento a assumir uma relevância inusitada. Vejamos.

Desde logo, a tecnologia. Hoje é vulgar vermos crianças nos restaurantes ou outros locais públicos “ocupados” com telemóveis. Assim não “chateiam” os pais, é mais cômodo. Os jovens têm como centro do universo um telemóvel. Para estes dispositivos foram criados jogos, aplicações das mais variadas ordens e essencialmente as redes sociais, um mundo virtual que é o centro do mundo de tanta gente. Os adultos também não escapam. É hoje comum ver famílias que estão a “ver” televisão, mas cada elemento está com o telemóvel ou um computador portátil por perto, desenvolvendo atividades paralelas, não raras vezes, de entretenimento.

As televisões por sua vez, desdobraram-se em canais generalistas e canais de informação/temáticos. Quem tem recursos pode subscrever os de informação/temáticos; quem não tem, sujeita-se a uma programação onde predomina as novelas, o futebol, os concursos ou os programas de generalidades e banalidades. Ou seja, o entretenimento. Nas rádios é comum o locutor de serviço se congratular com o anúncio de céu azul e temperaturas altas na previsão para o dia seguinte, mesmo quando o país está em seca extrema. Ou ao invés, anunciam como uma chatice um dia de chuva. É uma visão urbana da sociedade que privilegia o bem-estar na cidade. Acresce que praticamente todas as rádios, mesmos aquelas que até há pouco tempo tinham uma programação mais sisuda, agora têm o seu contador de graçolas, de piadas, todos os dias. É a afirmação do primado do entretenimento.

Se durante o inverno o futebol ocupa um desmesurado espaço na comunicação social e na vida comum, no verão desenvolveu-se uma miríade de festivais de música, a que se associam os média em parcerias múltiplas, passando a imagem que quem não participa nestas festas, está ultrapassado ou fora deste mundo. É máquina do entretenimento.

Mas no centro deste fenómeno está a internet, esse poço sem fundo de informação, onde encontramos tudo já feito e pronto a consumir. Em troca dos nossos dados a quase tudo podemos aceder, mergulhando num mundo virtual que constitui a mais poderosa máquina de entretenimento jamais concebida: música, vídeos, jogos e notícias variadas (entre outras, sobre dietas, cultura física, viagens, animais em casa, hortas na varanda, moda, a vida de figuras das televisões ou festas) etc. Numa palavra, entretenimento.

O resultado de tudo isto, parece-me, é uma confusão entre real e virtual. Para muitas crianças, os frangos nascem no supermercado; para se ter um automóvel ou até uma casa, não se poupa: vai-se ao banco, pois uma qualquer engenharia financeira proporcionará tal milagre. Hoje, o real é algo que muitos até acham uma perda de tempo.

Podia agora dissertar sobre esta sociedade de entretenimento, emitindo um juízo de valor. Todavia não o farei. Prefiro, enquanto professor, dar o seguinte exemplo. Hoje, na universidade encontramos jovens que são excelentes nas tecnologias de informação; muitos são bons ou muito bons em matemática e inglês, pilares fundamentais para construção do sucesso académico. Porém, nada sabem sobre a economia nacional ou sobre o tecido empresarial; em regra, não apreciam história e pouco sabem de geografia; não costumam conhecer as principais correntes da filosofia, que enformam as opções políticas. Aliás, política e políticos é algo amiúde catalogado de forma pouco edificante. Contudo, são barras em informática e dominam com facilidade o mundo do entretenimento baseado na internet.

Isto é bom ou mau, certo ou errado? Conseguirá a sociedade do entretenimento ter pilares para manter a democracia, a liberdade, o respeito pelos direitos dos outros, assente num mundo de entretenimento?

Termino com duas frases do pensador George Steiner: “o que receio em relação aos mais novos, é que por causa de uma obsessão com os média artificiais, tenham pouco entusiasmo pelas experiências genuinamente criativas”; e “o terrível é quando as pessoas não se prendem a nada, ao vazio”.

Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/08/29/sociedade/opiniao/na-epoca-do-entretenimento-1783235>> Acesso em: 15 fev. 2018. Adaptado.

Adultos convivem com o autismo sem saber

O termo asperger deixou de existir como diagnóstico a partir de 2013, com o lançamento da quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Caracterizada basicamente por dificuldades na interação social, padrão repetitivo de comportamento e interesse com foco restrito, a síndrome passa a ser incorporada ao chamado Transtorno do Espectro do Autismo, sem diferença de classificação em relação a outros níveis de autismo.

O autismo atinge uma em cada 88 crianças e, na infância, soma mais casos que AIDS, câncer e diabetes juntos. Entretanto, a síndrome não é restrita a meninos e meninas e boa parte dos adultos que têm autismo nem sabe disso. São pessoas que estão na parte menos comprometida do espectro, que não têm deficiência intelectual (mais comum nos casos severos ou clássicos do autismo) e que não tiveram atraso na aquisição da linguagem. Em geral, elas costumam ficar mais isoladas, são classificadas como antissociais, muito tímidas, ingênuas, metódicas e até “frescas” – já que são mais sensíveis a barulhos, luzes e até a toques.



O revisor Jacob Galon sempre teve dificuldade para fazer amizades por não saber o que dizer ou fazer para ser considerado um amigo

Pode parecer que um diagnóstico de autismo em pessoas que levam uma vida “normal” – com estudos, trabalho e relacionamentos afetivos – não faz muita diferença, mas relatos de quem passou pela experiência contrariam essa ideia. Poder dar um nome para o que se tem e saber que existem outros com os mesmos problemas ajuda muito. Há seis meses, o músico Raphael Rocha Loures, 35 anos, teve o diagnóstico, o que fez com que entendesse toda a sua vida. “Foi um choque e meu mundo desabou, pois tudo o que eu tinha como real era totalmente diferente em outras pessoas. Tive de reconstruir o que vivi em 35 anos sob um novo ponto de vista”, conta.

Ao contrário do que normalmente ocorre hoje, com pais recebendo o diagnóstico dos filhos ainda muito pequenos, Raphael é que teve de fazer o anúncio para a família. A primeira reação é sempre a descrença, pois ainda se associa o autismo a pessoas que não falam e não interagem ou a gênios esquisitões, personagens comuns no cinema. “Depois que explico os detalhes é muito comum falarem que meus sintomas, como vontade de ficar sozinho, todo mundo têm. Mas no autismo o cérebro trata das coisas como se fossem algo muito maior e a forma de lidar e sentir é diferente.”

Também é comum a descoberta ocorrer enquanto pais buscam o diagnóstico do filho. “Principalmente os homens dizem que também tinham as mesmas dificuldades quando crianças. Muitas vezes isso reflete positivamente no sentido de entender melhor a si mesmo e seu filho, mas também pode trazer um questionamento sobre a necessidade de tratamento”, conta a neuropsicóloga Amanda Bueno dos Santos.

Quanto mais cedo diagnosticar, melhor

Formado em Letras, Jacob Galon, 27 anos, é revisor de textos e descobriu que tinha sintomas do autismo enquanto trabalhava com um material didático sobre educação especial, com um capítulo sobre a síndrome de Asperger. Ao confirmar o resultado em dois testes on-line, Jacob estava convencido e passou a relembrar os problemas que teve na infância. “Os maiores desafios eram sempre relacionados à interação com colegas ou à falta dela. Na escola, eu tinha dificuldade no manuseio de tesouras, régua, colas e as aulas de Educação Física eram um desastre”, diz.

Quanto mais cedo é feito o diagnóstico, maior a evolução da criança em trabalhos multidisciplinares, como fisioterapia, terapia ocupacional, equoterapia, hidroterapia, fonoaudiologia e acompanhamentos com psicólogos e neuropediatras. Entre os adultos o acompanhamento também é necessário, mas com enfoque nas dificuldades específicas de cada um e possíveis doenças associadas. “Muitos deles apresentam sintomas depressivos, ansiedade e dificuldades no casamento e no trabalho. Eles buscam o relacionamento interpessoal, mas é difícil serem compreendidos, tanto pela sua inocência como pelos interesses restritos que têm”, explica a médica Mariane Wehmuth, do Centro de Neuropediatria do Hospital de Clínicas.

Se o paciente tem hipersensibilidade, pode tratar com a terapia ocupacional ou de integração sensorial e o acompanhamento psicológico ou psiquiátrico pode ser necessário em casos de depressão, por exemplo. No caso de Jacob, os dois especialistas o acompanham e ele usa um medicamento experimental indicado pelo psiquiatra. Jacob sempre carregou o rótulo de tímido e antissocial e ouviu que o desconforto que os “toques” causavam nele era frescura. Hoje ele assume sua condição e mantém um blog e uma comunidade sobre o assunto no Facebook, trocando experiências com autistas de vários países. Um reconforto a quem não se sente mais sozinho em um mundo que também têm muitas pessoas de “esquisitos mundos particulares”.



“A linguagem corporal para mim é um buraco negro. Eu me comunico verbalmente, nem enxergo o resto. Isso é muito sério por que o mundo trabalha com essas habilidades sociais e espera que você faça e entenda essa linguagem.” Raphael Rocha Loures, 35 anos, que descobriu que tem autismo há seis meses.

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/adultos-convivem-com-o-autismo-sem-saber-e3lpm5x6uftjmtiv09jsashu6>> Acesso em: 15 fev. 2017. Adaptado.

Exames laboratoriais podem ajudar no diagnóstico

Confira no site: <<http://www.labnetwork.com.br/noticias/exames-laboratoriais-podem-ajudar-no-diagnostico-do-autismo/>>

Entrevista

Autismo não tem cura porque não é uma doença", diz psicanalista que estuda esse transtorno há 15 anos. Confira no site: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/09/autismo-nao-tem-cura-porque-nao-e-uma-doenca--diz-especialista-1014100175.html>>

O novo retrato do autismo

Da hora em que acorda ao momento em que vai dormir, **Temple Grandin** não para quieta. Ph.D. em zootecnia, ela dá aula na Universidade Estadual do Colorado, nos Estados Unidos, visita fazendas, presta consultoria ao governo, faz palestras e escreve livros — o mais famoso, a autobiografia Uma Menina Estranha, que já virou filme. Quase não sobra tempo para essa mulher de 68 anos, que revolucionou a forma de tratar animais de abate a fim de diminuir o sofrimento deles, lembrar que é autista. “O [autismo](#) é parte do que sou, mas não deixo que ele me defina”, afirma Temple em sua nova obra, O Cérebro Autista — Pensando Através do Espectro (Ed. Record). A cientista faz parte dos 70 milhões de pessoas que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), vivem com essa condição. Ou melhor, fazem parte do [transtorno do espectro autista \(TEA\)](#). Desde 2013, quando foi lançado o último Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-5, a classificação do autismo mudou. Antes ele era dividido em cinco categorias, como síndrome de Asperger e outras de nome cabeludo. Hoje, é uma coisa só, com diferentes graus de funcionalidade. “O espectro agrupa desde um quadro mais leve, ou alta funcionalidade, com inteligência acima da média, a casos em que há retardo mental, a baixa funcionalidade”, dissecou Marisa Furia Silva, presidente da Associação Brasileira de Autismo (ABRA). **Artigo completo disponível em:** <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/o-novo-retrato-do-autismo/>>



Congresso Luso-Brasileiro de TEA e Educação Inclusiva

https://www.facebook.com/conlubra/?hc_ref=ARRkC7bzO8A4ZMT7zCmHwKXDNQ_E5-rPjNoENIVNf68-pglXUrQEgpQuf6KQC1tnSmo

Filme Temple Grandin

Vale a pena assistir:

<https://www.facebook.com/conlubra/videos/700542046820007/?fref=mentions>



Solidão

Maria Clara Lucchetti Bingemer*

A solidão entendida como ausência de relação, de companhia, de interlocução, pode ser algo extremamente doloroso. Seu sinônimo é o isolamento. Há o risco de levar à depressão e até mesmo ao suicídio. Assim começava uma música de Vinicius de Moraes, “Um homem chamado Alfredo”. “O meu vizinho do lado se matou de solidão...”

Alfredo tinha apenas a companhia de um papagaio e um gato de estimação e matou-se inalando gás de botijão. Dizia-se cansado de viver. Cansado talvez de não ter ninguém com quem falar, uma companhia, “uma vez para amar; uma mão para dar; um olhar”. Cansado de ser invisível e sua existência não importar a rigorosamente ninguém.

A solidão é o mal maior da nossa sociedade. Ela pode acontecer em um velho quarto onde, desesperado se abre o bujão de gás. Ou também pode manifestar-se em meio às multidões que passam e não veem, não escutam, não se dão conta de que ali está alguém com sentimentos, desejos, em suma, um semelhante, uma pessoa.

Por sermos seres relacionais, que só existem com a presença e a interação com o outro, a solidão acaba por matar-nos mais dia menos dia. Pode fazê-lo prematura ou repentinamente. E é assim que a primeira ministra britânica, ao constatar que o orgulhoso e desenvolvido Reino Unido invertia a corrida mundial pela longevidade e apresentava índices de mortalidade sempre mais prematura de seus cidadãos, criou o Ministério da Solidão.

Um ministério? – perguntaremos nós. Pois é necessário um ministério para cuidar do sintoma da solidão, sim, senhores. Sobretudo porque as maiores vítimas desta mortal síndrome são os idosos. E isso significa pessoas que já não contam no mapa da produtividade, da beleza e da atividade. Pessoas que têm suas atividades físicas e energias limitadas. Pessoas que – seguindo a poesia de Vinicius – andam com os olhos no chão, sempre pedindo perdão. Perdão por existir e perturbar e incomodar. Pessoas que não se veem porque são quase nada. E que, portanto, não têm sequer energia para gritar e pedir socorro quando sentem que o abismo da depressão se abre sob seus pés.

Esse grupo de pessoas está se avolumando nas sociedades modernas e desenvolvidas. Sobretudo porque a vida é mais longa do que antes e não se morre mais na plenitude e flor da idade, quando se faz falta e a partida é chorada. Os solitários de hoje são em sua grande maioria idosos, órfãos de filhos vivos, não mais procurados pela família. Muitas vezes porque os filhos e netos moram longe, em outra cidade ou país e têm muita dificuldade geográfica e financeira para visitá-los. Ou também porque atrapalham a ânsia de divertimento e de consumo que predomina na vida das gerações mais novas.

Quem vai querer um velho ou uma velha atrapalhando seu fim de semana, feito de correrias, festas, programas sem fim? E o velho fica em casa. A casa por sua vez é pequena e sem muitos recursos. Onde estão os amigos do ancião? Doentes ou mortos em boa parte. Onde os recursos de diversão? Senhores, as aposentadorias como sabemos são parcas, no Brasil ou no Reino Unido. Mal dá para comprar comida e remédios. Com a idade e a progressão exponencial das mazelas, a farmácia particular cresce e consome muito dinheiro.

Os filhos ajudam? Alguns provavelmente. Mas também sem exagerar. Senão, como vão levar as crianças à Disney, passear ou esquiar na Europa, beber whisky, tomar vinho e ir a restaurantes

melhores? E assim o final da vida de muitos idosos é marcado pela presença do Alzheimer, pelo asilo, ou pela solidão da casa com a presença de um cuidador nem sempre paciente ou experiente. A solidão se aprofunda com a diminuição das energias, o desaparecimento dos círculos mais próximos de conhecidos ou amigos. Entre nós há ainda o agravante de que a violência e a insegurança impedem que a vizinhança seja mais cultivada. Os vizinhos cuidam cada um de sua vida, sua família, suas coisas.

Alguns solitários se apegam a animais. Alfredo tinha um papagaio e um gato de estimação. Quando morre o companheiro de bico ou quatro patas, a dor é equivalente à perda de um parente. E a solidão se aprofunda. Idoso provavelmente, mas em todo caso isolado de qualquer círculo significativo de relacionamento, o solitário não tem com quem falar, partilhar experiências, dividir a vida. E se sente descartado por uma sociedade que não previu um lugar para ele, por uma família que progressivamente o abandona, por uma vida em meio a pessoas que passam e “mal o adivinham’...

O Reino Unido computa hoje nove milhões de pessoas nessas condições de absoluta solidão. Aqui não conheço estatísticas sobre isto. Mas certamente nossas cifras devem ser altas e marcantes. Uma amiga estrangeira que vivia no Rio há várias décadas e amava a cidade, o país, o estilo de vida, comunicou-me que ia voltar ao seu país natal porque chegara à conclusão de que se morresse, só iriam perceber vários dias depois devido ao cheiro.

O Ministério da Solidão se ocupará destas coisas, seguramente. Tratará de abrir caminhos e criar meios para que os solitários encontrem companhia, momentos comunitários, estímulo para reunir-se com outros. Elaborará políticas públicas que criem projetos e linhas de ação para a dignidade dos idosos e de outros solitários. Enfim, tratará de encontrar meios para que uma faixa significativa da população não se sinta à margem da vida e empurrada lenta e inexoravelmente para o isolamento e a morte.

Esperemos que esse ministério não mude apenas fatos pontuais, mas também mentalidades. Pois na medida em que aprendermos a povoar a solidão alheia, nos tornaremos mais humanos. Solitários não, mas solidários somos chamados a ser. E isso implica prestar atenção ao outro, à sua tristeza e à sua dor, a seus desejos e sua solidão. Olhar com carinho e compaixão aquele a quem ninguém vê, que é considerado “quase nada” como diz o poetinha Vinicius. Inclui-lo e ouvi-lo, conviver com ele ou ela, tratá-lo como gente. Para que a solidão não se avolume de tal modo que se torne uma doença incurável e letal.

Se contribuirmos efetivamente para minimizar a solidão ao nosso redor, talvez quando chegue a nossa vez de ficarmos sozinhos, poderemos viver essa experiência e fazer essa travessia com menos dificuldade e mais alegria.

** professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. A teóloga é autora Testemunho: profecia, política e sabedoria, Editora PUC-Rio e Reflexão Editorial.*

Disponível em:<<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2018/01/25/solidao-2/>> Acesso em: 19 fev 2018.

Você sabe o que é identidade de gênero?



Bandeira do orgulho trans hasteada em São Francisco, nos Estados Unidos. Foto: Flickr (CC)/torbakhopper

Para informar o público sobre os desafios enfrentados por pessoas trans, a campanha *Livres & Iguais* da ONU publicou recentemente uma cartilha que explica com clareza o que significa identidade de gênero e o que é ser transgênero. O documento apresenta orientações para que governos, meios de comunicação e o próprio público leitor do material possam garantir os direitos dessa população e combater o preconceito. [...] O escritório da ONU recomenda que Estados reconheçam legalmente a identidade de gênero de pessoas trans em documentos oficiais por meio de processos administrativos simples e fundamentados na autoidentificação. Outro passo importante é a adoção de leis e políticas antidiscriminação abrangentes.

A Livres & Iguais acredita que o público em geral também pode fazer a diferença. Além de se informar sobre as pautas e questões do público trans, a campanha apela para que ninguém fique calado diante de estigmas ou formas de violência contra pessoas trans.

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero/>> Acesso em: 19 fev 2018. Adaptado.

Saiba mais

Acesse a nota informativa da Livres & Iguais:

https://unfe.org/system/unfe-91-Portugese_TransFact_FINAL.pdf?platform=hootsuite

Racismo *versus* Xenofobia

O **racismo** é a doutrina que defende que há etnias superiores a outras; é também o preconceito que leva a ver como inferiores os indivíduos de etnia diferente.

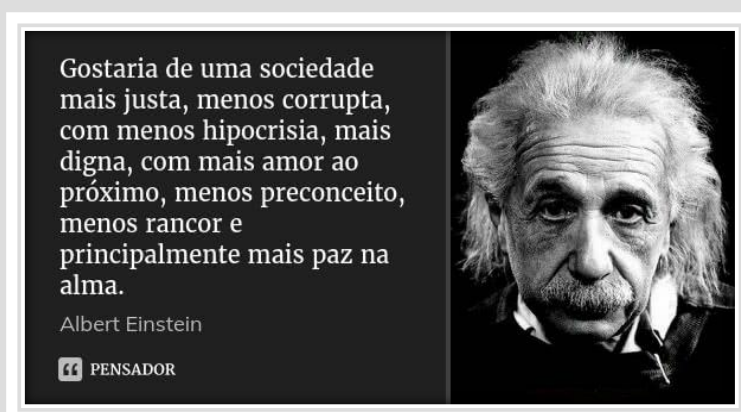
A **xenofobia** é, etimologicamente, «a aversão aos estrangeiros», do grego 'xénos', «estrangeiro», e 'phóbos', «temor» (cf. [Dicionário Houaiss](#)). Ser **xenófobo** teria aparentemente uma dimensão mais emocional, mas na prática acaba por se confundir com **racista**, dado que ambos os termos têm em comum a ideia de «preconceito». Esta é claramente oposta à de «razão» ou «racionalidade», até pela sua própria etimologia: trata-se de um conteúdo mental que ainda não chegou à elaboração de um «conceito». A formação de **preconceito** é disso ilustrativa: trata-se de um derivado, formado por **pré-** e **conceito**, ou seja, interpretável como «anterior ao conceito» ou anterior a todo o exame crítico que conduz ao verdadeiro conceito.

Apesar de tudo isto, parece-me que o sentido de **xenófobo** é um pouco mais suave que o de **racista**. É que a **xenofobia** liga-se ao medo (a 'phobia' do étimo grego) do contato com o exterior, o que, por sua vez, evoca o provincianismo; em contrapartida, o **racismo** relaciona-se com o desejo de esmagamento do outro, isto é, do indivíduo ou da comunidade de outra etnia.



O caso que refere é ambíguo, porque levanta dois problemas: os portugueses são estrangeiros, logo podem suscitar reações xenófobas; os portugueses são identificados e julgados por causa de uma dada aparência física (a maioria é bastante morena, em comparação com a população local), logo são alvo de preconceito racista. Pode-se, portanto, utilizar os dois termos, com a consciência de que, embora não sejam a mesma coisa, o passo que vai da **xenofobia** ao **racismo** é muito curto.

Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/racismo-vs-xenofobia/17638>> Acesso em: 09 fev. 2017.



Referência de ética e honestidade

Em uma corrida de Cross-country, o queniano Abel Mutai estava a poucos metros da linha de chegada, quando se confundiu com a sinalização, pensando que já havia completado a prova. Logo atrás vinha o espanhol Iván Anaya, que vendo a situação começou a gritar para que o queniano ficasse atento, mas Mutai não entendia o que o colega dizia. O espanhol, então, o empurrou em direção à vitória. Um jornalista perguntou então a Iván:

– Por que o senhor fez isso?

– Isso o quê?

Ele não havia entendido a pergunta – e o meu sonho é que um dia possamos ter um tipo de vida comunitária em que a pergunta feita pelo jornalista não seja mesmo entendida –, pois não pensou que houvesse outra coisa a ser feita que não aquilo que ele fez.

– Por que o senhor deixou o queniano ganhar?

– Eu não o deixei ganhar, ele iria ganhar.

– Mas o senhor podia ter ganhado.

– Mas qual seria o mérito da minha vitória, a honra dessa medalha? Se eu ganhasse desse jeito, o que eu ia falar para a minha mãe?



Disponível em: <<http://jornalistasquecorrem.com.br/2013/12/gentileza-gera-gentileza/>> Acesso em: 15 fev 2018.

Mandamentos paradoxais



As pessoas são ilógicas, irracionais e egoístas. Assim mesmo, ame-as.

Se fizer o bem, as pessoas o acusarão de ter segundas intenções. Assim mesmo, faça o bem.

O bem que fizer hoje será esquecido amanhã. Assim mesmo, faça o bem.

O que levamos anos para construir pode ser destruído em instantes. Assim mesmo, construa.

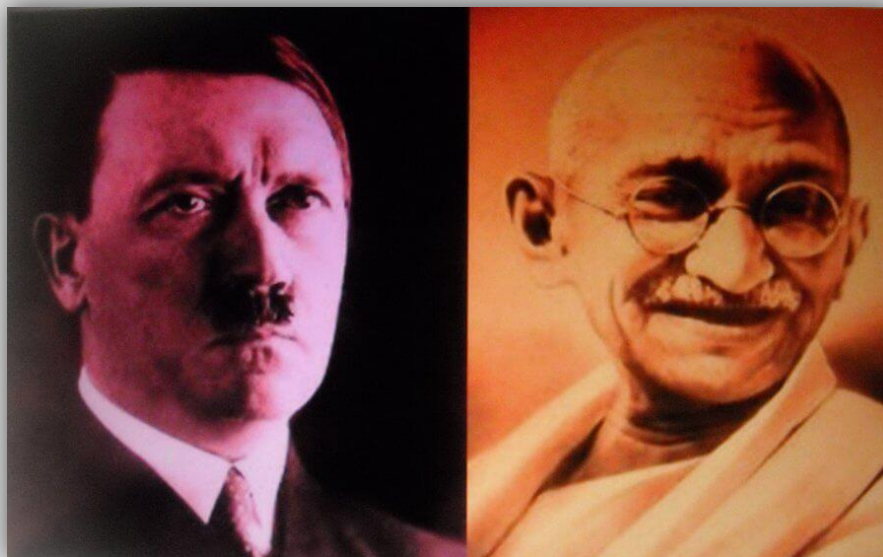
As pessoas precisam mesmo de ajuda, mas quando as ajudamos podem nos atacar. Assim mesmo, ajude-as.

Dê ao mundo o melhor que tem e levará um soco na cara. Assim mesmo, dê ao mundo o melhor que tem.

Autor: Kent Keith, citado por Stephen Covey, em "O 8º Hábito", p.80

A carta de Gandhi para Hitler

É realmente surpreendente que Gandhi possa ter escrito uma carta a Hitler, dirigindo-se a ele como “Querido amigo” e despedindo-se com um “À sua disposição. Seu sincero amigo”.



A carta de Gandhi a Hitler foi enviada em 1939, justamente no momento em que uma nova guerra ameaçava a paz da Europa; parece que a carta nunca chegou às mãos de Hitler, mas é um texto revelador da personalidade de Gandhi, um dos personagens que mais causou admiração e que continua causando em muitos de nós.

Sua inteligência passa por um modo magistral de entender o mundo e a vida através da compreensão, da humildade e da capacidade de ganhar mil batalhas sem uma única guerra, e o seu entendimento é o segredo para compreender este personagem. Uma habilidade mental que é um claro exemplo da inteligência interpessoal, que Gardner descreve em sua teoria das múltiplas inteligências.

Caro amigo,

Amigos têm insistido que eu lhe escreva para o bem da humanidade. Mas tenho resistido ao pedido deles, pois sinto que qualquer carta escrita por mim seria uma impertinência. Algo me diz que não devo hesitar e devo fazer meu apelo, pois talvez ele tenha alguma utilidade.

Está claro que hoje você é a única pessoa no mundo que pode evitar uma guerra capaz de reduzir a humanidade a seu estado mais selvagem. Você está disposto a pagar esse preço por um propósito qualquer, por mais digno que pareça? Você vai ouvir o apelo de alguém que deliberadamente deixou de lado métodos de guerra e obteve considerável sucesso? De qualquer forma, peço desculpas antecipadamente, caso tenha errado em escrever a você.

À sua disposição.

Seu sincero amigo”.

Seguindo a linha dessa reveladora carta, é interessante dizer que ela foi criticada pela opinião pública, por considerar que empregava um tom muito submisso. Mas Gandhi não teve a mínima dúvida; **não é gritando mais alto que se entende melhor**, como já demonstrou em sua pacífica e famosa “Marcha do sal” e em todas as manifestações que realizou ao longo de sua vida.

Gandhi mandaria uma segunda carta no dia 24 de dezembro de 1940 para Hitler, pedindo que detivesse a guerra. Atualmente, **as duas cartas se encontram em Mani Bhavan, Mumbai**, onde este “rebelde pacífico” viveu por quase 20 anos. Mani Bahvan é um simples museu que nos convida a conhecer mais deste personagem.

Assim, a história da humanidade nos oferece mil exemplos de como nossos pensamentos, nossa capacidade intelectual e emocional para enfrentar o mundo dão como resultado as melhores ações do ser humano e também as maiores atrocidades.

*“Quem realmente sabe do que fala, não encontra razões para levantar a voz”
– Leonardo Da Vinci –*

Para finalizar esta reflexão, deixamos outros interessantes exemplos na história de como “a mente rege o mundo” e pode tirar o melhor e o pior de nós mesmos para os demais.

– **A democracia em Atenas no ano 460 a.C.** Um dos primeiros importantes marcos na história. Um conceito que viria para revolucionar e mudar a forma de ver das sociedades. O poder não é exclusivo de uma pessoa, mas sim de todas. Deste modo, todos podem ser mais felizes em nosso dia a dia com um sistema legislativo justo, não apenas para alguns, mas sim para uma comunidade inteira.

– **A invenção da imprensa em 1450.** Um marco importante para compreender que a educação e a cultura devem ser acessíveis para todo mundo. A instrução é a arma mais poderosa para transformar positivamente o mundo.

– **As mulheres obtêm o direito ao voto em 1893.** O lugar? Nova Zelândia. Pouco a pouco foi se incorporando em outras nações. A mulher tem muito que contribuir para a sociedade.

– **Estados Unidos lança a bomba atômica em 1945.** Um exemplo da barbárie humana.

Nunca perca a fé na
humanidade, pois
ela é como um
oceano.

Só porque existem
algumas gotas de
água suja nele, não
quer dizer que ele
esteja sujo por
completo.

Mahatma Gandhi

Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/carta-gandhi-hitler/>> Acesso em: 02 fev. 2018. Adaptado.

Músicas

Diversidade

Lenine

Foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença
Que seria do adeus
Sem o retorno
Que seria do nu
Sem o adorno
Que seria do sim
Sem o talvez e o não
Que seria de mim
Sem a compreensão
Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença
A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem traz
O mundo segue girando
Carente de amor e paz

Se cada cabeça é um mundo
Cada um é muito mais
Que seria do caos
Sem a paz
Que seria da dor
Sem o que lhe apraz
Que seria do não
Sem o talvez e o sim
Que seria de mim...
O que seria de nós
Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença



Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/lenine/diversidade/>>

Acesso em: 09 fev 2018.

Inclassificáveis

Arnaldo Antunes

que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio , que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?

que preto branco índio o quê?
branco índio preto o quê?
índio preto branco o quê?

não há sol a sós
aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
americanataís yorubárbaros.

somos o que somos
inclassificáveis

aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos mamelucos
sarárás
crilouros guaranisseis e judárabes

orientupis orientupis
ameriquítalos luso nipo caboclos
orientupis orientupis
iberibárbaros indo ciganagôs

somos o que somos
inclassificáveis

não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,



que preto, que branco, que
índio o quê?
que branco, que índio , que
preto o quê?
que índio, que preto, que
branco o quê?

não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não tem cor, tem cores,

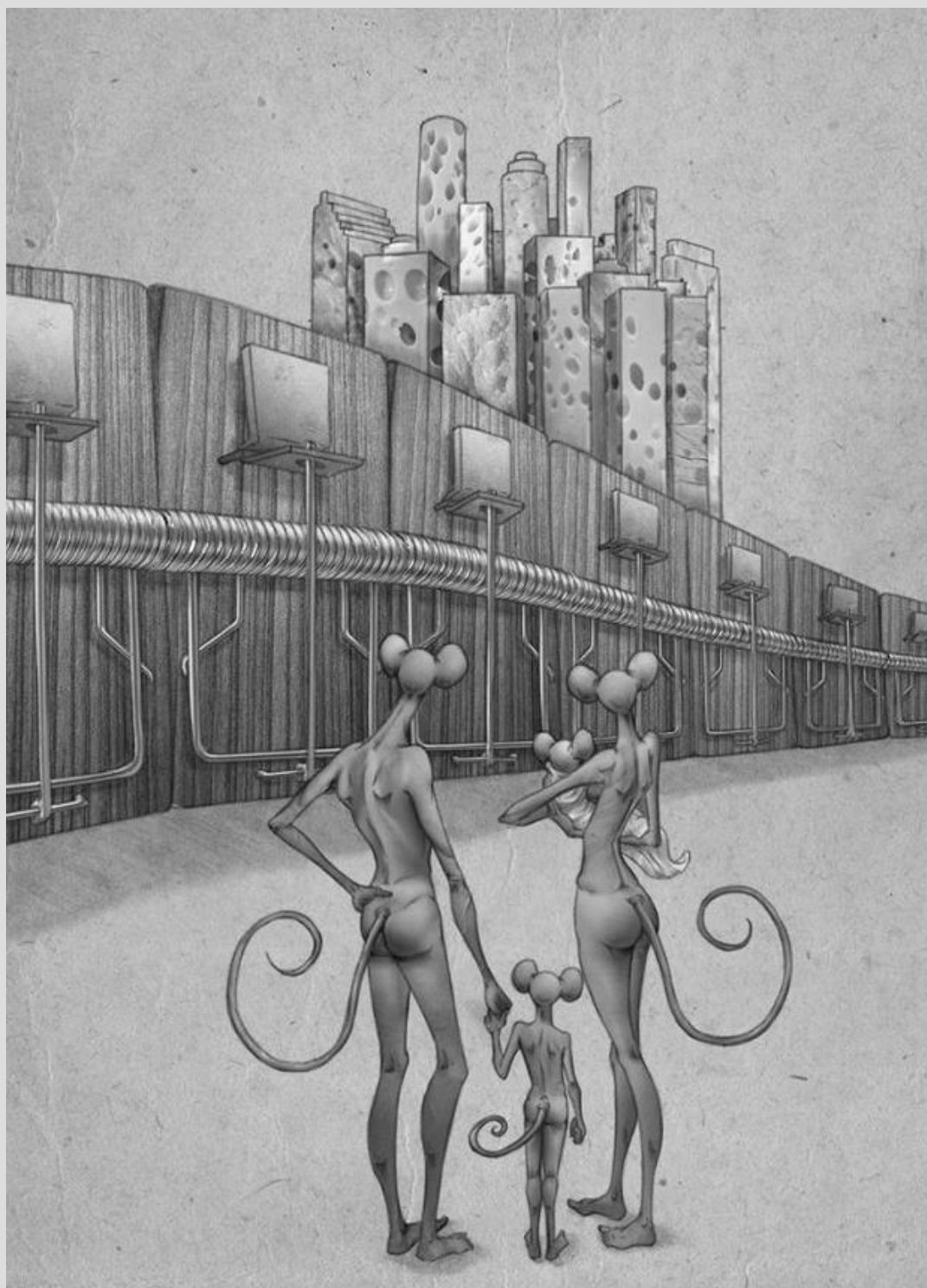
não há sol a sós

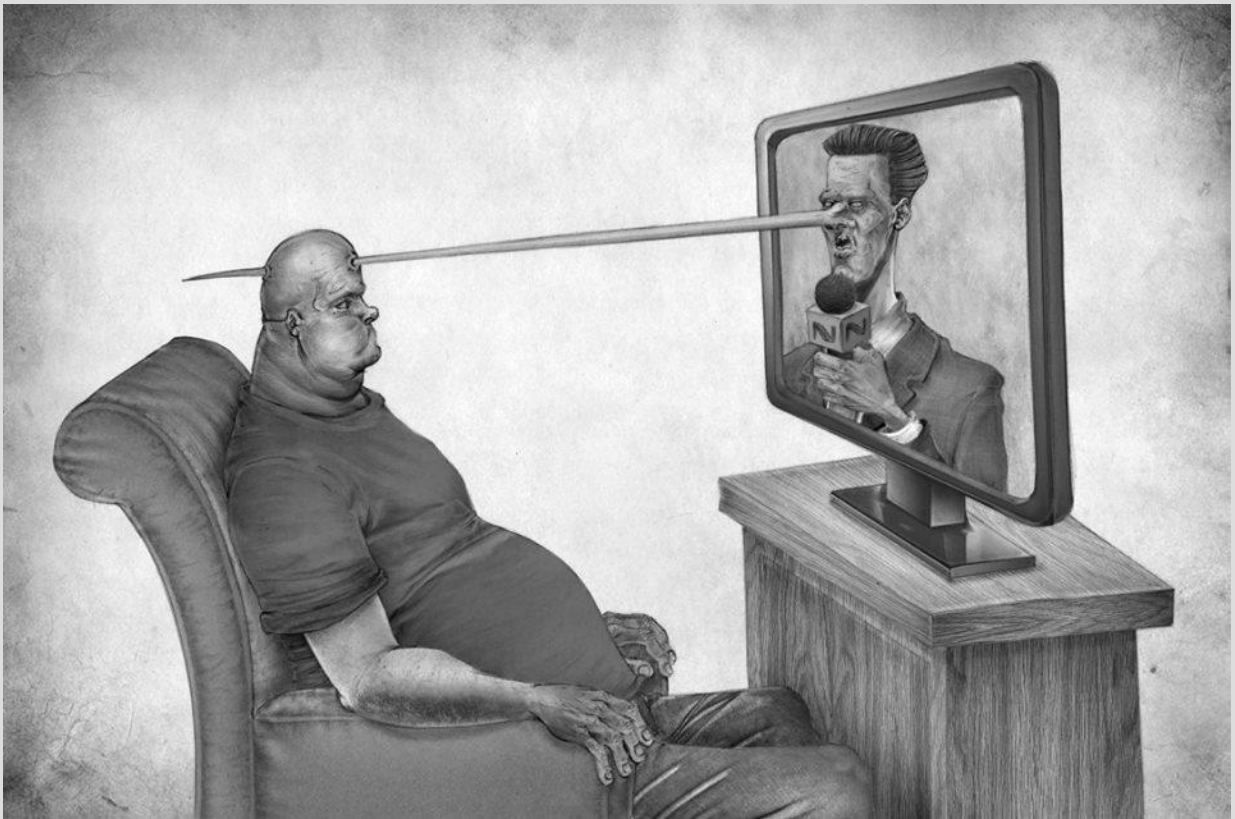
egipciganos tupinamboclos
yorubárbaros carataís
caribocarijós orientapuias
mamemulatos tropicaburés
chibarroados mesticigenados
oxigenados debaixo do sol

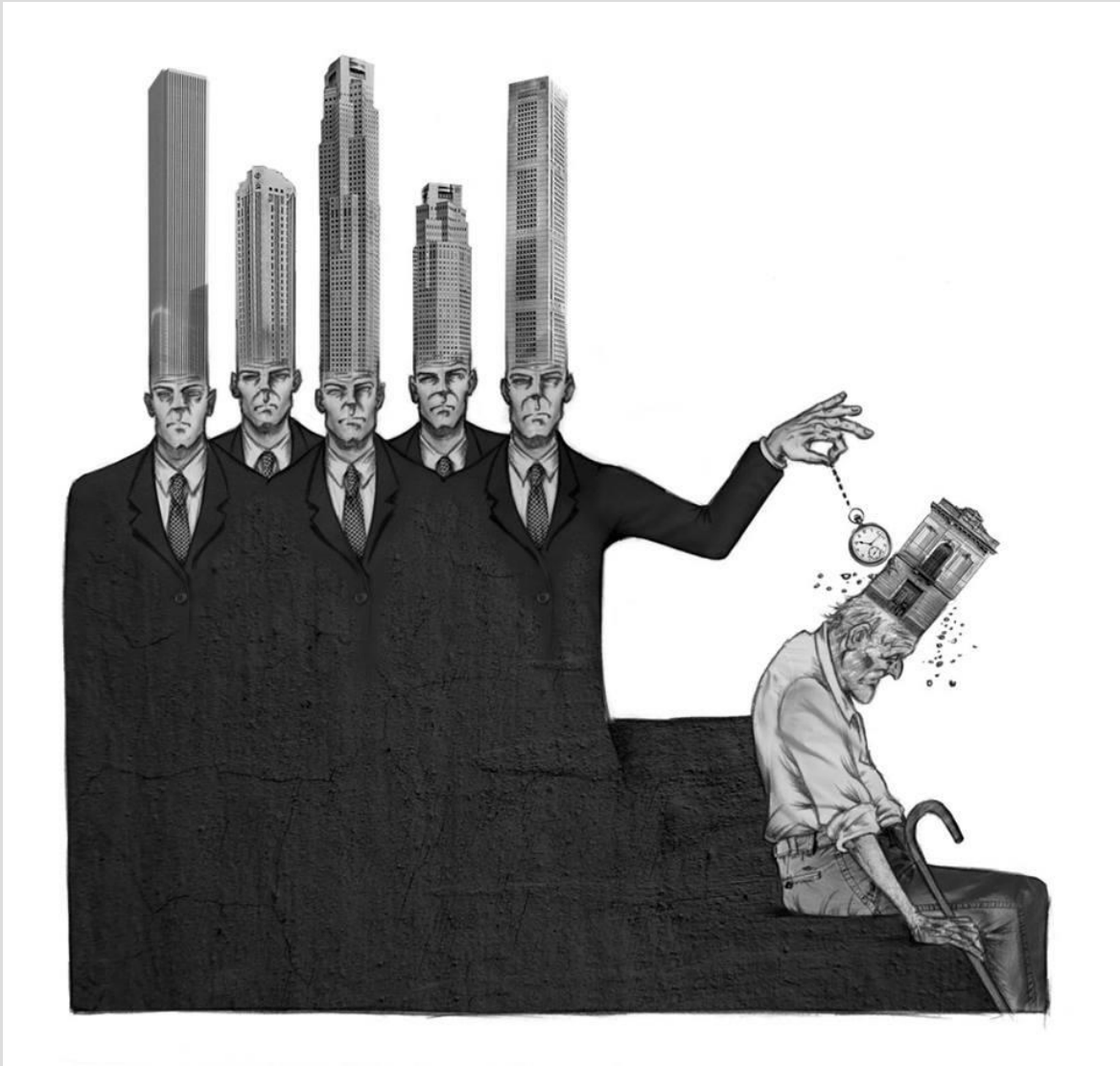
Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=62> Acesso em: 19 fev 2018.

Imagens

Confira alguns dos desenhos feitos pelo argentino de Buenos Aires, Matías, que usa o pseudônimo Al Margen e ficou famoso na internet por ilustrar a sociedade nua e crua, de forma bem crítica, ácida, até agressiva. Em seus desenhos podemos constatar críticas ao consumismo, ao noticiário, ao culto à beleza, à pressão sobre os jovens e sobre os velhos, ao casamento, ao excesso de trabalho e de internet, o problema da imigração pelo mundo, dentre outros.









Disponível em: <<https://kikacastro.com.br/2017/12/31/mensagem-2017-2018/>> Acesso em: 15 fev. 2018.

Charges



Disponível em: <<https://www.humorpholitico.com.br/page/15/>> Acesso em: 15 fev. 2018.



Disponível em: <<http://redanarcoutopistalibre.blogspot.com.br/2013/12/enquanto-isso-na-farmacia-das-almas.html>> Acesso em: 15 fev. 2018.



Tradução

Moça de biquíni: *Tudo coberto, menos seus olhos, o que é uma cultura de dominação masculina cruel!*

Moça islâmica: *Nada coberto, menos seus olhos, o que é uma cultura de dominação masculina cruel!*

Disponível em: <<http://sociedadecadmista.blogspot.com.br/2014/04/cultura-respeite-o-diferencial.html>> Acesso em: 15 fev. 2018.



Disponível em: <<http://profwladimir.blogspot.com.br/2012/05/charge-globalizacao-perda-das.html>> Acesso em: 12 fev. 2018.

FILME

O despertar da consciência no filme 'O Show de Truman'

Prestes a completar vinte anos de filmagem, “O show de Truman” (1998, Peter Weir) continua sendo **uma referência pedagógica para tratar de temas específicos da filosofia e da psicologia**. Utilizando os meios de comunicação e os símbolos, esse filme reflete de forma clara um processo tão complexo quanto o despertar da consciência.

A consciência e o mundo

A consciência pode ser definida como **o ato psíquico pelo qual um indivíduo percebe a si mesmo no mundo**. Portanto, o despertar da consciência ocorre não só quando a pessoa está consciente de que faz parte do mundo, de que existe, mas quando tem consciência de que é algo ou alguém em relação ao mundo.



Isso serve também para podemos entender como perceber a nossa importância. Nesse momento, uma faísca se acende em nós. Uma faísca que nos faz duvidar de tudo que já nos contaram. E tendo chegado a esse ponto, **podemos nos contentar com o que conhecemos ou superar os nossos medos e as nossas inseguranças para sair da “caverna”**.

O mito da caverna

A alegoria da caverna, como também é conhecida, foi criada pelo filósofo grego **Platão** (427–347 a.C.) para simbolizar o conhecimento humano. Segundo essa teoria, **o homem seria como um prisioneiro em um caverna** e o que ele conhece é apenas um reflexo ou a sombra da realidade. O real está fora da caverna. Uma coisa é difícil de compreender quando nunca saímos da caverna e nos acostumamos a utilizar e a trabalhar com as sombras. Nesse sentido, não conhecemos a existência do real ou temos medo.

Qual é a nossa caverna? A nossa caverna é a nossa casa ou o meio em que crescemos. O normal é que desde a infância nos tenham transmitido uma série de valores, que vão desde valores religiosos até políticos. Ao nascer em uma comunidade, crescemos em contato com tradições que nos proporcionam o sentimento de identidade. Assim, muitas pessoas são relutantes ao novo por medo de perder essa identidade.

Como seres humanos buscadores de segurança, vive em nós uma certa tendência a aceitar os costumes conhecidos que as pessoas de quem gostamos praticam. Nesse sentido, nem a sociedade nem a família nos ensinam a “olhar” (apesar disso, nós podemos observar). Não se estimula a opinião crítica. **Poucas crianças vivem em ambientes estimulantes, que incentivam a analisar, comparar e desenvolver opinião própria**, assim como a praticar a autoconsciência.



O despertar da consciência em Truman

O personagem principal desse filme, **Truman**, é um homem que não pode decidir nada na sua vida. Desde quando nasceu, ele foi comprado por um programa de televisão do qual é o protagonista. Todas as decisões que Truman toma (namorar, casar, comprar uma casa, trabalhar...) não são escolhidas por ele. São, na verdade, ações guiadas pelo criador do programa (que, nesse caso, é comparado com um deus).

Truman vive feliz e alheio a tudo, dentro do enorme domo que foi construído como se fosse uma cidade. E quando suspeita de alguma coisa ou tem alguma dúvida, ele **não consegue sair desse mundo porque está controlado por medos** e inseguranças que o limitaram na infância (por exemplo, o mar e o trauma com o pai). Mas chega um momento no qual já não pode mais ignorar suas dúvidas porque seu mundo não é o mesmo de antes.

Na verdade, todos nós somos Truman. A única opção que temos de ser autênticos é quando essa faísca, esse despertar da consciência, ocorre na gente. E **apenas a nossa vontade nos ajuda a superar o medo** que pode criar o cenário que espera por nós.

O ato de liberdade mais puro é pensar

Quando esse despertar da consciência ocorre na gente, adquirimos energia e determinação para sair da zona de conforto e do nosso meio, encorajados pela sensação de que **nos afastando veremos as coisas mais claramente**, para, então, a partir de dentro, nos perguntarmos: *O que eu quero fazer com a minha vida? Minhas crenças continuam me completando? No que eu acredito ou confio? Qual é a minha verdade?*

Suas respostas devem ter mais valor para você mesmo do que a opinião dos outros. Elas são perfeitas para você, são feitas com base na sua medida e não na dos outros. É fácil pensar que não somos livres, pois todos nós temos responsabilidades (família, estudos, trabalho). Mas a verdade é que **o ato de liberdade mais acessível e puro é pensar**. Nós somos livres para pensar e imaginar o que quisermos, assim como somos livres para decidir em consequência disso. Truman também tem a oportunidade de conhecer a verdade.

Quando nos acomodamos com o de sempre, apenas com o que nos foi ensinado, impedimos que a evolução aconteça. Em contrapartida, quando superamos o medo do desconhecido e buscamos nosso próprio conhecimento, começamos a caminhar em uma estrada na qual adquirimos princípios, valores e crenças próprias, que são mais saudáveis, verdadeiras e, conseqüentemente, menos dissonantes. Por fim, **superar a si mesmo vai lhe trazer mais liberdade e, para isso, sempre são necessários dois ingredientes: um despertar e um exercício de valentia.**

“Não existe barreira, fechadura nem cadeado que possa se impor à liberdade da minha mente.”
–Virginia Woolf (1882–1941). Escritora inglesa–



Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/show-de-truman-despertar-da-consciencia/>> Acesso em: 15 fev. 2018. Adaptado.

LIVROS

para refletir sobre a sociedade atual

Heinrich Heine disse certa vez que “*onde se queimam livros, acaba-se queimando pessoas*”. A [leitura](#) realmente é capaz de despertar a consciência e ser um veículo para a sabedoria. Por isso, hoje eu gostaria de oferecer uma lista de obras que vão fazer você refletir sobre a sociedade atual.

Entre os livros listados encontraremos todos os estilos, desde ficção científica até dramas de época. Apesar disso, **seus ensinamentos continuam atuais como se tivessem sido escritos hoje**. Felizmente ou infelizmente, muitos deles guardam uma parte do reflexo da realidade atual.

“1984”, de George Orwell

Começamos com a demolidora e atual obra de George Orwell, “1984”. Ele conta a história de um regime absolutamente controlador, que vigia a capacidade de decisão individual para assegurar o controle sobre a liberdade pessoal.

Atualmente muitos países têm governos eleitos pelo voto popular em um regime democrático. No entanto, ao ler este livro, encontramos o paradoxo de que alguns comportamentos e fatores psicológicos relacionados com a distinção entre escravos e poderosos podem ser perfeitamente aplicados nas sociedades democráticas atuais. **O controle sobre um indivíduo pode ser exercido através do poder, mas também pelos meios de comunicação, pela publicidade e pelo poder da informação.**

“O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde

Já se passaram décadas desde que Oscar Wilde escreveu “O Retrato de Dorian Gray”. Mas os seus princípios continuam tão presentes quanto eram antigamente.

*Uma sociedade se
embrutece mais com o
uso habitual da
punição do que com a
repetição dos crimes.*
–Oscar Wilde–

Por que os seres humanos têm essa obsessão de parecerem jovens a vida toda? As pessoas se olham tanto e tão criticamente no espelho, que muitas vezes não são capazes de aceitar a sua verdadeira realidade, e inventam uma realidade perfeita na sua mente.

“Bonequinha de Luxo”, Truman Capote

Com certeza muitos se lembram do lendário filme “Bonequinha de Luxo”, com Audrey Hepburn como protagonista. Foi baseado no romance “**Breakfast at Tiffany’s**”, escrito por Truman Capote. Apesar do [romantismo](#) que muitos veem na obra, a solidão está muito presente. **Uma série de pessoas infelizes que buscam no sucesso social a satisfação que não encontram em suas vidas**. No entanto, elas parecem carcaças vazias incapazes de serem felizes além das aparências.



“Guerra sem fim”, de Joe Haldeman

Joe Haldeman era um veterano da Guerra do Vietnã, que quando voltou para os Estados Unidos, decidiu relatar as suas experiências em uma obra de ficção, “A Guerra Sem Fim”.

Este livro conta a história de um personagem insignificante que sobreviveu a uma guerra de 1000 anos; uma guerra da qual não entendia os reais motivos. Ao longo da leitura você encontrará amor, mudanças sociais repentinas, solidão e muito isolamento. Certamente **uma história premonitória de como poderia ser considerada a sociedade atual.**

“O Senhor das Moscas”, de William Golding

William Golding escreveu um romance considerado distópico*. Foi baseado na história de um grupo de adolescentes que são forçados a organizar uma nova sociedade depois de um desastre nuclear.

“O Senhor das Moscas” levanta diferentes questionamentos, como o risco de uma guerra nuclear, que como disse Einstein, seria o último grande confronto global. No entanto, também **retrata a própria natureza humana, que por mais refinada que pareça, ainda é selvagem**, instintiva diante da guerra pela sobrevivência e, às vezes, imprevisível.

**Distopia: o contrário de utópico. Algo distópico seria algo muito indesejável.*

“O Profeta”, de Khalil Gibran

Há alguns anos, Khalil Gibran escreveu seu grande [livro](#) “O Profeta”. Uma série de histórias curtas e simples, oferecendo pequenas pílulas sob a forma de ensinamentos. **Cada história deste livro é uma grande reflexão sobre o amor, a justiça, o prazer, as crenças, o comportamento humano, a amizade, a religião...** Ou seja, temas que continuam sendo tão atuais quanto eram antigamente.

*No coração de todos
os invernos vive uma
primavera pulsante, e
atrás de cada noite,
vem uma aurora
sorridente.
-Khalil Gibran -*

“O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry

Quem considera “[O Pequeno Príncipe](#)” uma história simples para crianças não o leu, ou leu e não prestou muita atenção. Na verdade, a obra de Saint-Exupéry é tão complexa e profunda quanto o cérebro humano.



O protagonista do livro viaja por diferentes planetas conhecendo personagens que o enriquecem e o fazem crescer. Esses [personagens](#) mostram características com as quais podemos nos identificar facilmente até hoje. Portanto, **este livro é uma reflexão sobre a sociedade atual, de ontem, e de sempre**, analisada através do coração.

Tenha certeza de que qualquer um desses sete livros fará você refletir sobre a sociedade atual. Em todos eles você encontrará ensinamentos que o farão pensar, se emocionar ou até mesmo se chatear. Mas não se esqueça de uma coisa, **a leitura dessas obras vai enriquecê-lo como pessoa e permitirá que você tenha um espírito mais crítico e objetivo** do mundo ao seu redor.

Disponível em:<<https://amenteemaravilhosa.com.br/livros-refletir-sociedade-atual/>> Acesso em: 15 fev. 2018.

Considerações Finais

Na sociedade do conhecimento, olhamos para o outro, em sua diversidade, e deparamo-nos com uma sociedade que não se esmera pela transformação da informação em conhecimento, preferindo o caminho mais fácil, mais prazeroso, muitas vezes, mais superficial e menos humano. Concomitantemente, olhamos para o porão das nossas mentes e lá encontramos, quem sabe, pré-conceitos cujas raízes não sabemos ao certo nem como, nem de onde surgiram... Ou até sabemos, mas não assumimos qualquer responsabilidade diante dos fatos... Entretanto, queiramos ou não, a nossa corresponsabilidade na construção dessa sociedade que aí está é inevitável.

Nesse sentido, a proposta deste material não foi apenas informar, mas, principalmente, incitar reflexões e motivar questionamentos, tirando da inércia do consumismo das ideias, abandonando a solidão da vida ensimesmada que busca estar de bem a qualquer preço, ainda que isto implique em não pensar sobre o bem comum, o sofrimento seu e do outro. Até porque o que acontece na sociedade é um reflexo do que fazemos nela e por ela. Se a construção de uma sociedade justa e solidária não está no ritmo que deveria, se a ética tem sido ameaçada a se tornar peça em extinção, qual a nossa parcela de responsabilidade nisso tudo? Temos atuado, por exemplo, como fiscalizadores das ações e projetos que envolvem gastos dos recursos públicos pelos governantes, conforme firmemente proposto pelo OSB?

Sem a observação e a leitura crítica dos fatos, é muito mais fácil apenas criticar, e quase impossível apontar soluções. Sem a reflexão e introspecção é muito mais fácil enxergar apenas o cisco que está no olho do outro, e simplesmente não enxergar a trave que está em nossos olhos, impedindo-nos de propor soluções, impedindo-nos de contemplar o outro que está por traz dos fatos... Nesse sentido, é sempre oportuno questionar... Como está a sociedade? Ou como estamos enquanto parte desta sociedade? Se a sociedade está doente, como as pessoas precisam ser tratadas para que a sociedade tenha chances de cura? O que pensamos e sentimos pelo outro? Como vemos e tratamos os outros? Que importância tem para nós os dilemas enfrentados pelo outro? Que participação temos na história do outro? Como nos vemos diante do próximo e qual a nossa percepção acerca da nossa individualidade e a do outro, ambos inseridos na coletividade? Como vai a sensibilidade humana diante dos direitos humanos ainda tão distantes de serem cumpridos em sua totalidade e de que modo estamos contribuindo para a construção de uma sociedade menos preconceituosa, mais superabundante de vida e de relações interpessoais saudáveis? Nesse sentido, concordamos com a confissão de Mário Quintana. A arte de viver e conviver resume-se em desafios diários. Desafios que podem, acima de tudo, aproximar a sociedade que temos da sociedade dos nossos sonhos...

A arte de viver é simplesmente a arte de conviver...
Simplesmente disse eu?
Mas como é difícil!
(Mário Quintana)

Esperamos que você tenha se feito essas e outras perguntas... Afinal, a razão de ser desta disciplina é despertar em você a busca por respostas e, acima de tudo, é despertar em você o seu melhor! Que a partir desta e de outras leituras qualitativas você se torne uma pessoa mais apaixonada pela vida, pela ética, pela construção de uma sociedade na qual impere a vontade de participar diretamente na construção de sua história e de *ser* em detrimento do *ter*. Acredite! Você é capaz disso e muito mais!

Sucesso!

Organizadoras